



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS MÚSICAIS EM COLABORAÇÃO
COM A ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA

A BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA E OS SEUS FAGOTISTAS



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARTES MÚSICAIS

Mestrando: João Carlos Rolo Brito
Orientador: Prof. Dr. João Soeiro
Data: 01 de Março de 2006

785.13 GNR (469) "1838/11" (043)

T 3369

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
BIBLIOTECA



62602

62602

ÍNDICE

1ª PARTE: A Banda da Guarda Nacional Republicana

1.Introdução.....	2
2.O Início, de Fanfarras Regimentais a Bandas Militares.....	5
3.Os primeiros Discos Uniface a Safira.....	8
4.Primeiras Fotos da Banda da Guarda Municipal.....	9
4.1Fotos de deslocações da banda ao estrangeiro.....	10
4.2 Chefes Militares/Maestros.....	17
4.3 Solistas Consagrados.....	22
5. A Era das cores.....	24
7.Algumas críticas de jornais da época	27
8.Digressões ao estrangeiro por ordem cronológica.....	30
9.As várias actividades.....	31
10.Passado recente.....	34
11. A Banda no Presente.....	35
12.Evolução da composição da banda.....	38
- N° aproximado de elementos ao longo da sua história	
- N° aproximado de instrumentistas ao longo da sua história	

2ª PARTE: Os Fagotistas

1. Os Primeiros Fagotistas: Filipe Titel/Eusébio de Carvalho.....	40
1.1 Ordem Cronológica a partir das primeiras décadas do séc. XX.....	42
2. João Gonçalves Mateus.....	43
2.1 Notas biográficas.....	44
2.2 Fotos de João Mateus.....	46
2.3 Trabalho de Laboratório.....	54
2.4 Material de Construção de Palhetas.....	56
3. Dois Fagotistas no séc.XX.....	58
3.1 Armindo Calado Alves.....	58
3.2 Palhetas (algumas curiosidades).....	59
3.3 Desenho da Forma de Madeira.....	60
3.4 O Dia a Dia.....	61
3.5 Fotos de Colegas da Banda.....	62
3.6 Guilherme Marau.....	63
4.Homenagem a José Rodrigues Miranda.....	67
5.Os Fagotistas de Hoje.....	68
Conclusão	69
Agradecimentos.....	71
Bibliografia.....	72

INTRODUÇÃO

Tenciono numa primeira fase deste trabalho, dar a conhecer um pouco mais da Banda da Guarda Nacional Republicana. Uma banda que dada a sua longevidade e os seus brilhantes êxitos, merece com certeza um olhar atento e um lugar de destaque no panorama musical português. Focarei alguns aspectos relacionados com a sua história, com os seus imensos feitos, obtidos principalmente em digressões pelo estrangeiro. Deixarei também uma ideia, do que é hoje a sua missão, ou seja, a razão da sua existência.

Numa segunda parte darei a conhecer fagotistas que integraram esta numerosa banda, alguns dos quais dedicarei especial atenção por terem sido excelentes executantes e ao mesmo tempo, testemunhas vivas dos êxitos desta banda.

Para a sua realização, utilizei como metodologia a pesquisa e análise documental, bibliografia e algumas entrevistas. Fiz uso do amplo e valioso arquivo histórico da banda, através de recortes de jornais, fotos e documentos do passado, beneficiei de preciosos testemunhos de colegas no activo ou aposentados, que se dignaram a colaborar e assim contribuir para enriquecer este trabalho.

Dedico uma boa parte deste trabalho a João Gonçalves Mateus, pelo facto de ser praticamente desconhecido dos fagotistas de hoje e no entanto ter atingido um nível musical muito acima da média, tendo sido uma referência no seu tempo. De João Mateus pouco se fala e muito pouco se conhece.

A segunda parte do trabalho não poderá ter um retrato cronologicamente completo. A falta de documentação não permite que de alguma forma se faça uso de elos de ligação, entre as muitas gerações, que constituíram um agrupamento com cerca de 167 anos.

Alguns dos músicos que integraram a Banda da Guarda Nacional Republicana, anteriormente chamada Guarda Real de Polícia e Guarda Municipal, tiveram uma carreira brilhante. Não me refiro neste momento só aos fagotistas, falo de tantos e tantos músicos, que pelo seu brilhantismo e por terem dedicado toda uma vida ao serviço e em prol da música, mereciam muitas homenagens. Ao fazer este trabalho relacionado com a Banda da Guarda Nacional Republicana, sinto que de alguma forma estou também a recordá-los e a prestar-lhes a minha homenagem.

Foi talvez pelo facto de tocar fagote na Banda da G N R, o gosto e curiosidade que sempre senti sobre questões do passado e as condições excelentes de conservação do arquivo histórico, que me impulsionaram a partir para esta aventura.

Ao arquivo histórico junta-se um arquivo musical, constituído por aproximadamente 3000 obras, algumas delas, riquíssimas transcrições das mais famosas obras da bibliografia mundial, que permitem reforçar o carácter sinfónico desta banda.

Ao folhear os vários álbuns com centenas de fotografias e de recortes de jornais com muitas dezenas de anos, foi crescendo o entusiasmo. As críticas são de tal forma elogiosas que despertaria a atenção dos mais cépticos. A banda foi inequivocamente uma fonte de arte, um canal de cultura que alimentou a “*alma*” a muitos milhares de pessoas.

Por tudo isto e muito mais, achei por demais oportuno e merecido, passar o mais possível para o exterior das paredes militares, os imensos feitos artísticos, e enormes êxitos que esta banda gozou.

Por outro lado, como fagotista, sinto curiosidade em conhecer o maior número de fagotistas desta banda, para lhes expor varias questões, que me acompanham há muito tempo. A forma como tocaram, como venceram as dificuldades ao nível das palhetas e da sua construção, como atravessaram a tão complicada fase de transição do sistema francês para o sistema alemão, onde tocavam para além da banda, onde leccionavam, entre outras.

Todos esses músicos, deixaram de alguma forma a sua marca e o seu contributo para que a história viesse a existir e se criasse um agrupamento musical ímpar.

É importante frisar que não se tratava de um agrupamento qualquer, como ficará demonstrado na primeira parte do trabalho a banda da Guarda Nacional Republicana era poderosa em número e qualidade, era composta por alguns dos melhores músicos do país, muitos deles excelentes solistas de orquestra.

“A Banda da Guarda Nacional Republicana, seguindo as tradições gloriosas da sua origem, é hoje a primeira banda de Portugal: em organização, em número, e na Arte.”

(Freitas 1946)

Valerá a pena tentar ter uma ideia do meio musical em que estes artistas se inseriram, do nível que os rodeava, pois foram de certo, produto de uma sociedade com prioridades objectivos e sonhos bem diferentes dos nossos.

Eles como tantos outros contribuíram para que fosse a Banda da Guarda Real de Polícia, mais tarde Guarda Municipal e Guarda Nacional Republicana, considerada uma das melhores de toda a Europa.

A invulgar riqueza da variedade instrumental, o profissionalismo e o seu nível artístico contribuíram para uma enorme popularidade, facilmente entendida com a leitura de imensos recortes principalmente relacionados com a sua deslocação ao Brasil.

Aquela Banda que provavelmente Franz Liszt dirigiu, (pág.27, fig.39) constituiu de certo um fenómeno invulgar de popularidade e estatuto na altura, facto que provavelmente não mais será atingível em nenhuma fase da sua história.

Estávamos inequivocamente numa época em que se valorizava muito mais a arte e os artistas, uma época em que imagine-se, os solistas da banda chegaram a aparecer nas primeiras páginas dos jornais, como se de heróis se tratasse.



Fig.1

Discantus, Um dos primeiros exemplos de polifonia

“Todo o animal deixa vestígios do que ele foi; o Homem é o único que deixa pistas do que ele criou...”

Matemático Polonês, Jacob Bronowski (1908-1974)

1ª PARTE

O Início. De Fanfarras Regimentais a Bandas Militares

Parece-me importante, ainda que de uma forma resumida e superficial, deixar um pouco da história do aparecimento da antiga Banda Real de Polícia. Se recuarmos no tempo, verificamos que os nossos antigos monarcas tinham já ao seu serviço, pequenas bandas, com instrumentos diferentes consoante as épocas. É interessante constatar que quando as forças portuguesas se uniram às espanholas para combaterem os republicanos franceses, (acontecimento que ficou denominado por tratado de Londres de 1793), a Divisão auxiliar portuguesa á campanha de Roussillon, já levou consigo um mestre director de música do exército e alguns anos mais tarde, em Novembro de 1807, D. João VI embarca para o Brasil e leva entre o corpo militar escolhido, a Banda da Brigada Real. Portanto, temos que no início do século XIX, haviam já as chamadas Fanfarras Regimentais, que como próprio nome indica, existiam nos Regimentos de Infantaria. Isto acontecia por volta de 1800.

Essas Fanfarras eram constituídas no início por charamelas e mais tarde por clarinetes, oboés, cornetas, clarins, trompas, fagotes, serpentões, pífaros e tambores.

As bandas regimentais tinham um carácter civil, porque não havia ainda nenhuma disposição legal, que as considerasse militares.

A primeira organização militar armada foi a Guarda Real de Polícia, que aparece por volta de 1832, tendo como missão manter a segurança pública.

Tornou-se então na primeira organização militar a ter uma banda de música. A Banda da Guarda Real de Polícia.

Dada a escassez de músicos portugueses e a necessidade de tornar as bandas mais numerosas e com bons executantes, contrataram músicos estrangeiros, (situação que não nos é desconhecida nos dias de hoje) que de certo contribuíram para o enriquecer do conhecimento e o desenvolvimento artístico dos nossos músicos. A Banda Real de Polícia tinha em 1 de Janeiro de 1816, 11 Músicos: 1 mestre; 1-2º mestre; 1-1º requinta, 1-1º clarinete, 1-2º clarinete, 1-1º trompa.

Em 1828, passa a ter 17 elementos. Em 1834, a Guarda Real de Polícia foi extinta e quatro anos mais tarde, por decreto de D^a. Maria II, datado de 04 de Janeiro de 1838, foi criada a Banda da Guarda Municipal.

Este pequeno agrupamento, composto por 16 figuras, era chefiado por Jerónimo Soler.

Foi por esta altura que a banda beneficiou pela primeira vez de um regulamento que conferia aos músicos uma situação especial, ou seja, os músicos passaram a ter um regulamento próprio, com carisma menos “*militar*” e mais em conformidade com a arte que praticavam. Era criado pela primeira vez um documento, que referia regalias e responsabilidades dos músicos militares. O autor foi o Comandante Geral da Guarda Municipal, D. Carlos de Mascarenhas, família de Marquês da Fronteira, um documento cujo título era: “*Condições para a Música da Guarda Municipal sobre o meu Comando*” Relacionado com o aparecimento desta banda, podemos ler:

”*Por 1832, a Guarda Real da Polícia tinha a sua banda; e em 1838 a Guarda Municipal – hoje a Guarda Nacional Republicana – fundou a sua belíssima banda, que teve na pessoa de Jerónimo Soller, o seu primeiro Regente*”. (Freitas 1946)

Polk (2006) et al. nos seus textos dedicados às bandas militares, podemos ler uma referência à Banda da Guarda Nacional Republicana e à Banda da Guarda Republicana Francesa.

”*80 players became a common size for municipal bands in southern Europe and Latin América. The Portuguese Banda da Guarda Nacional had 60 members by 1901... ”*

”*The band of the Garde Républicaine among the first of the new, larger bands founded immediately after the French Revolution, set the pattern for the 19th century*”.

A Banda da Guarda Nacional Republicana não se encaixa no modelo numérico apresentado por Polk, o seu número era claramente superior a partir de 1915. Este facto torna esta banda mais invulgar não só pelo seu efectivo mas pelo timbre pelo volume sonoro e pelo repertório que passou a poder executar.

Ainda relacionado com o número de elementos podemos ler “ *Em 1910, quando a banda do comando geral realizou uma digressão a Espanha, tinha quarenta e cinco executantes; em 1912, contava setenta; poucos anos depois, ascendia a cerca de cem executantes, permitindo-lhe esta poderosa organização abordar o repertório mais completo, que só é executável pelas grandes massas instrumentais*” (Ribeiro 1939).

Começava a haver por altura de 1900 uma nova concepção das bandas sinfónicas, com maior número de executantes e com maior e mais variado repertório. O desenvolvimento das válvulas nos instrumentos de metal, por Stolzel e Bluhmel na segunda década do século XIX possibilitando aos metais tocarem também de forma cromática, foi de uma importância vital para as bandas que têm no volume sonoro assim como no timbre uma das suas características principais.

O original do documento (fig.2), existe no arquivo da banda, e data de 1815.

Num momento porventura infeliz para os músicos da época, o documento declara a extinção das bandas do exército das milícias do Reino. Situação que não voltou a acontecer, pois a partir de 1834 foi criada a Guarda Municipal, cuja banda apesar da mudança de nome, jamais foi extinta.

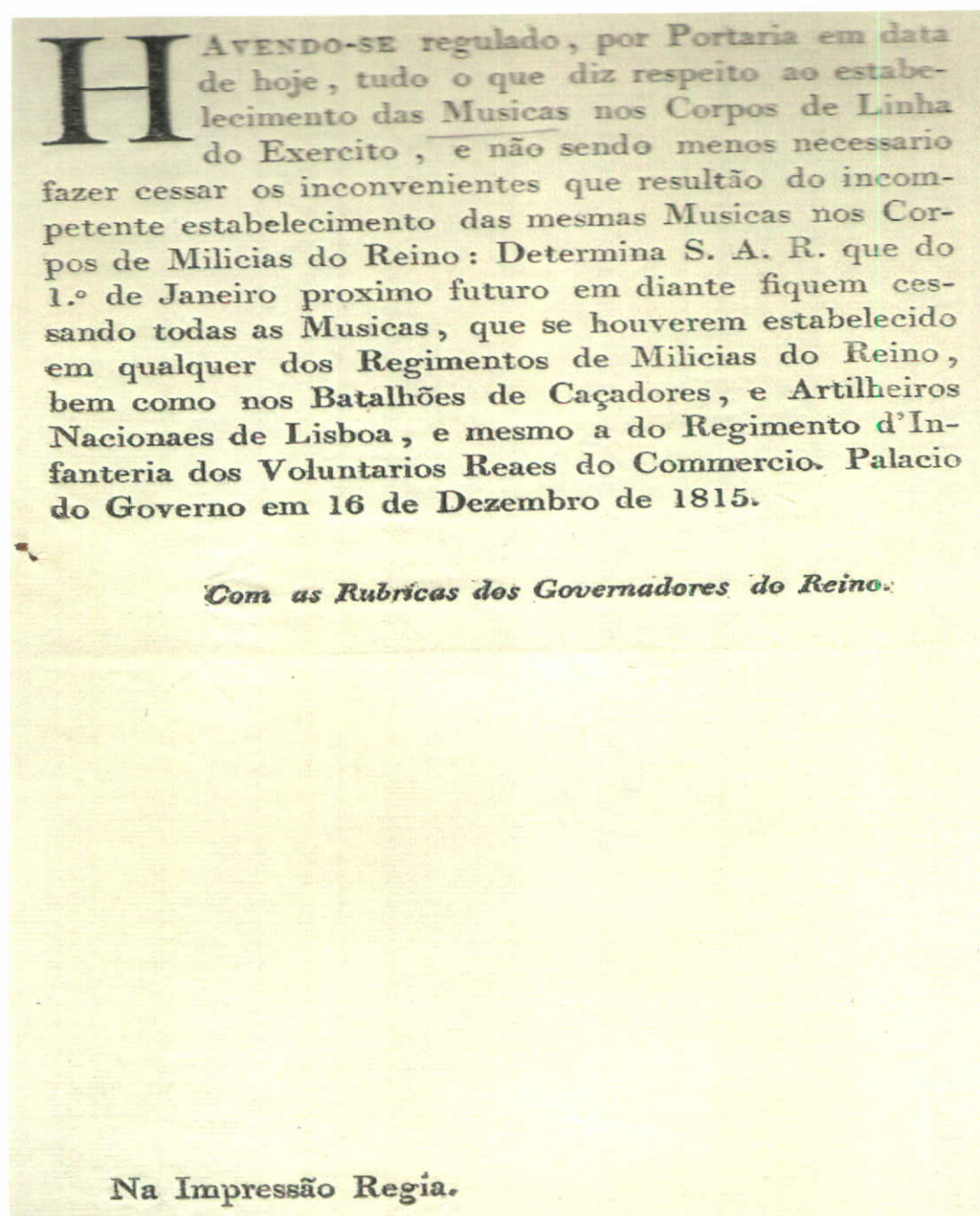


fig.2

OS PRIMEIROS DISCOS UNIFACE A SAFIRA

Em 24 de Julho de 1904 a Banda da Guarda Municipal, dirigida pelo Chefe António Gonçalves da Cunha Taborda, gravou no quartel do Carmo para a “COMPANHIA THE GRAMOPHONE AND TYPEWRITER LTP”, um dos primeiros discos uniface a safira feitos em Portugal, com a composição de carácter militar, “*Surpresa do Inimigo*” de Martins Júnior. O disco era composto por uma composição do género Inglês TATTOO com vozes de comando, toques de clarim, fuzilaria, e desfile de charanga de cavalaria, terminando com o toque de cessar-fogo e os acordes do Hino da Carta.

Esta composição encontrava-se e provavelmente ainda se encontra no Museu de Hanover, onde os discos eram estampados e distribuídos pelas diversas filiais que a “Gramophone” tinha pelo mundo.

O exemplar é único e pertencia á colecção privada do centro de colecionadores de Uniformalogia e Iconografia Histórico Militar Portuguesa. No entanto, o primeiro disco terá sido gravado pela Banda da Armada Portuguesa, no primeiro trimestre do ano de 1903 como se pode ler no site: www.tradisom.com/portugues/catalogo/trad036/text.ht



Fig.3

PRIMEIRAS FOTOS DA BANDA DA GUARDA MUNICIPAL



fig.4

Provavelmente a foto mais antiga da sua existência. Retrata a Banda da Guarda Municipal com o Maestro Manuel Augusto Gaspar no ano 1892. A Banda esteve presente no Concurso Internacional de Bandas Militares de Badajoz. Foi no tempo do Maestro Gaspar que a Banda iniciou as suas viagens artísticas ao estrangeiro.



fig.5

Banda da Guarda Municipal com o Maestro António da Cunha Taborda por volta de 1901. O primeiro Chefe da Banda da Guarda Nacional Republicana era também um excelente trompista, solista da Orquestra de S. Carlos. É visível um fagotista. (último do lado direito).

Fotos de algumas deslocações da banda ao estrangeiro, com especial relevo para as digressões ao Brasil.



fig.6

Banda com Maestro Fernandes Fão em 1914. Maestro e Chefe da banda conhecido por ter uma excelente regência, conseguindo concertos de elevado nível. Levou a Banda várias vezes a Espanha.



fig.7

Valência em 1918 com Maestro Fão.



fig.8

A banda num desfile realizado na Praça de Touros de Valência, em 1919. Na fila da frente é possível identificar um antepassado do Fagote, o Sarruzofone, instrumento de bocal com palheta dupla no interior do bocal, que produzia um som grave.



fig.9

A banda em Sevilha. Era seu director, o Maestro Joaquim Fernandes Fão. É muito claro a existência de fagotes e contra fagote naquele “molho de relíquias”.

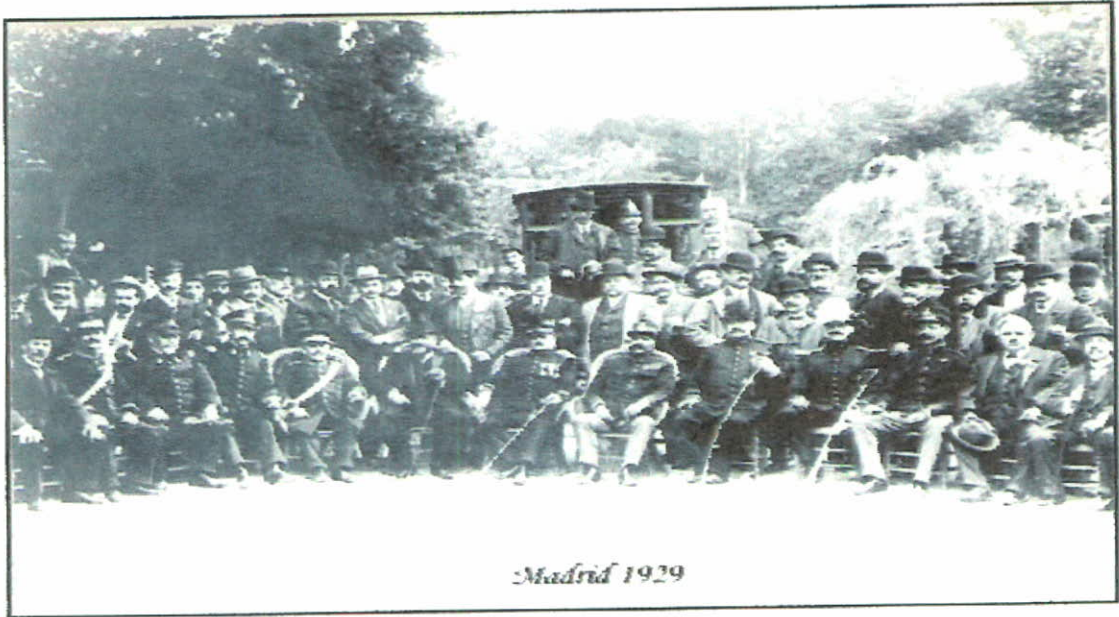


fig 10

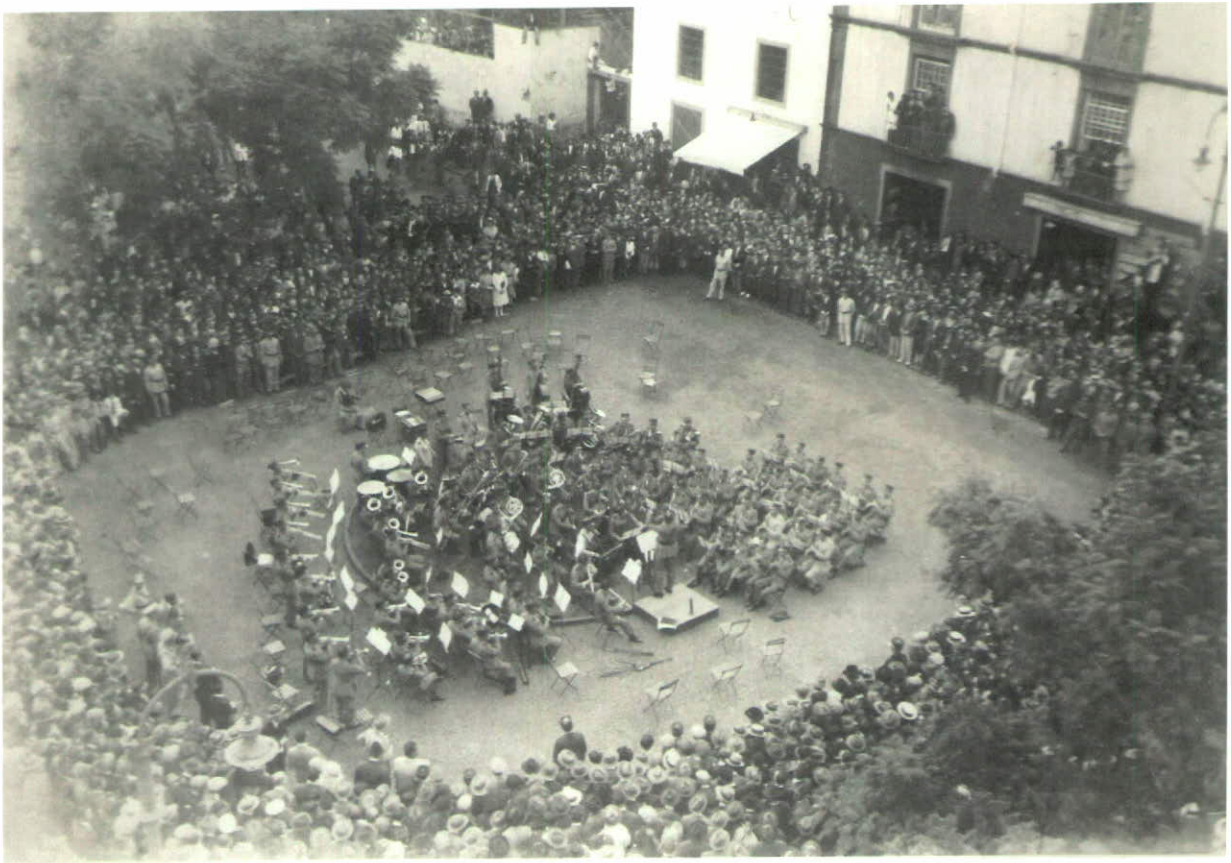


fig.11
Foto da realização de um concerto no Funchal, na passagem da banda pela Ilha da Madeira a caminho do Brasil em 1930. Como chefe, o Capitão Joaquim Fernandes Fão.

A banda apresentava-se em inúmeros festivais tão em voga por estas décadas. “ *Eram festivais de incomparável grandiosidade artística e de assinalado estímulo para quem neles tomava parte. Eram grandes manifestações de orgulho para as populações a que as bandas pertenciam*” (Ribeiro1939).

Exemplo disso o ano de 1930, ano em que ocorreu a 1ª viagem ao Brasil. Na primeira página de um jornal brasileiro podemos ler: “o Rio de Janeiro hospeda há muitos dias a Banda da Guarda Republicana de Lisboa, conjunto musical de subido conceito que se tem imposto entre nós, como se impusera na Península Ibérica”, na figura abaixo podemos ver a banda no novo hotel Belo Horizonte, onde se hospedou. Ao lado, o notável maestro Fernandes Fão, regendo a banda em concerto realizado no recinto da Feira de Amostras de Produtos Portugueses. Em baixo, a banda desembarcando no porto de Myassa. A foto fica completa com uma visão da assistência, ao 1º concerto na Feira das Amostras.



fig.12

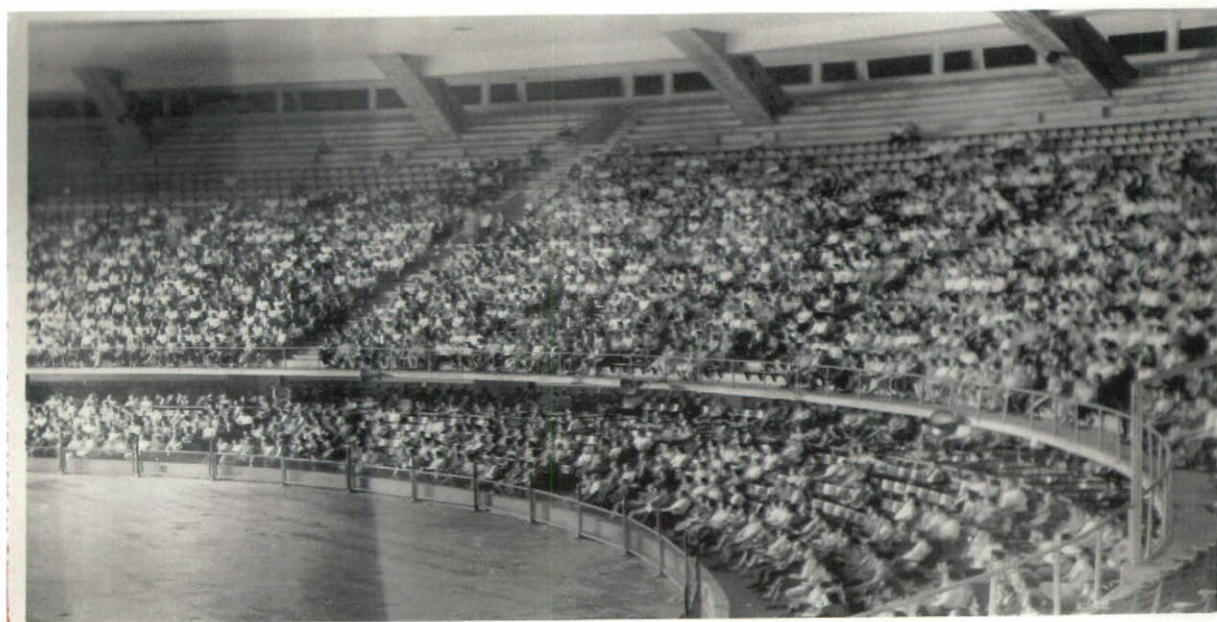


fig.13

Parte da assistência ao concerto no Maracanazinho. Brasil 1930.



fig.14

Foto tirada no Estádio Nacional, em Março de 1946, enquanto a banda abrilhantava um encontro de futebol tocando naquele momento, a canção Inglesa “Good Luck” que se celebrou durante a IIª Grande Guerra.



fig.15

Na primeira página de um jornal brasileiro vinham os rostos de alguns solistas da banda. (situação que seria invulgar nos dias de hoje).



fig.16

Maestro Alves Ribeiro num concerto realizado em 20 de Maio de 1950, no Pavilhão dos Desportos. A banda recebeu neste concerto um louvor dado pelo General Comandante Geral, e o Maestro Alves Ribeiro foi agraciado com a Ordem de Santiago de Espada. A banda percorria o País e o Estrangeiro, marcando sempre um acontecimento digno de registo.



fig.17

Concerto no Rio de Janeiro em 1965, na segunda deslocação da banda. Direcção a cargo do Maestro Silva Dionísio.



fig.18

1965. 2º Viagem ao Brasil, sob o comando do Maestro Silva Dionísio. Concerto no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. É possível identificar com clareza 4 fagotistas. Da direita para a esquerda: José pereira de Sousa, José Maria Bernardo, Jacinto Maria e Guilherme Marau.



CHEFES MILITARES/MAESTROS

A Música como Arte, parece não ter muito a ver com o carácter e o espírito militar. Em boa verdade, os Chefes desta Banda de Música apesar de não descurarem nunca o respeito pela hierarquia militar, conseguiram ser além de Chefes Militares excelentes artistas, destacando-se como maestros, executantes de orquestras, solistas, e compositores. Respeitados a nível Nacional e Internacional, foram não poucas vezes convidados para dirigir agrupamentos distintos, inclusive Orquestras. Também é um facto que tiveram sob o seu comando exímios instrumentistas, os quais em conjunto com tão prestigiada regência projectaram o prestígio da banda no País e no Estrangeiro colocando-a entre as melhores e maiores do Mundo.

Sobre dois deles deixo algumas frases elogiosas carregadas de sentimento, com expressões de carinho e admiração. Vejamos como são considerados:

“ António Gonçalves da Cunha Taborda, o terceiro chefe da banda da guarda municipal de Lisboa, depois de ter passado pela banda de Infantaria 7. A banda da guarda foi nas mãos de Taborda um fulcro notável de beleza musical, cuja confirmação se observou no regresso da sua brilhante excursão a Madrid e Barcelona que teve lugar em 1910. Não faltaram a Taborda momentos de glória, que foram tanto, quantas foram as vezes que a sua banda se apresentou em público, apesar de no seu tempo ter apenas quarenta e cinco figuras.

Como compositor, os seus méritos subiram até à sua feliz ópera Dinah; não seria preciso tanto para o tornar grande, bastava-lhe a sua marcha Miragem, ou até mesmo a sua marcha Novo Regímen, cujo trio fala ao coração. Taborda foi um dos ornamentos de que a classe músico-militar se deve orgulhar. Possuía as medalhas de comportamento exemplar e Isabel a Católica de Espanha”. (Ribeiro 1939)

“Frenandes Fão, foi um excelente continuador da obra dos seus antecessores. Era necessário que a banda da guarda caminhasse em paralelo com as melhores bandas estrangeiras; o maestro Fão estudou o assunto, viu nele muitas possibilidades, deitou mãos à obra e a banda subiu; subiu a banda e com ela o nome artístico de Portugal, que à frente da sua primeira banda de música, tinha um estudioso, de quem era lícito esperar a execução das melhores partituras.

Se no tempo do maestro Gaspar e Taborda, a banda da guarda assinalou o seu prestígio em terras estrangeiras, o maestro Fão levo-o muito mais longe com a viagem ao Brasil, com os concertos da «Semana Portuguesa» na Exposição de Sevilha, etc.

Fernandes Fão tornou-se um regente absolutamente seguro da sua difícil missão, quer na banda quer na orquestra sinfónica, à testa da qual esteve muitos anos. A par dos altos conhecimentos de regente e compositor é também um excelente violinista”.

(Ribeiro 1939)

Chefes Militares e Maestros por ordem cronológica:

Desde 1838 foram Maestros da Banda Municipal os seguintes artistas: Jerónimo Soler 1838-1878; Jacques Murat 1878-1878; Manuel Augusto Gaspar 1878-1901; António Gonçalves Taborda; 1901-1936; Lourenço Alves Ribeiro 1936-1959; Silva Dionísio 1960-1973; Joaquim Alves Amorim 1974-1982; Idílio Martins Fernandes 1982-1987; Vasco da Cruz Flamino 1989-1995 e 1998-2000; Jacinto Abrantes Montezo 1995-1998 e 2000-2005.



JERONIMO SOLER
Organizador da Banda da Guarda Municipal
e seu primeiro chefe

fig.19

1838-1878



JACQUES MURAT
2.º chefe que teve a Banda da Guarda Municipal

fig.20

1878-1878



MANUEL AUGUSTO GASPAR
3.º chefe que teve a Banda da Guarda Municipal

fig.21

1878-1901



ANTONIO GONÇALVES DA CUNHA TABORDA
4.º Chefe que teve a Banda da Guarda Municipal
e 1.º da Banda da Guarda Nacional Republicana

fig.22

1901-1911



fig.23

Maestro Joaquim Fernandes Fão
1911-1936



LOURENÇO ALVES RIBEIRO
Chefe da Banda da Guarda Nacional Republicana

fig.24

Maestro Alves ribeiro
1936-1959



fig.25
Capitão e Maestro Silva Dionísio

1960-1963



Major Alves Amorim

fig.26

1974-1982



fig.27

Major Idílio Fernandes

1982-1987



Cap. Vasco Flamino

fig.28

1989-1995/1998-2000



fig.29

Major Jacinto Abrantes Montezo

1995-1998/2000-2005

SOLISTAS CONSAGRADOS

Tanto em Portugal como no Estrangeiro, a banda apresentava-se nos principais palcos, sempre com repertório muito variado. À semelhança das Orquestras, acompanhava frequentemente solistas consagrados. No Teatro de S. Carlos, no Teatro de S. Luiz, e no Jardim da Gulbenkian. Três exemplos de três concertos onde actuaram 7 solistas:



Fig30

Concerto no Teatro de S. Carlos no dia 27 de Junho de 1961. os 4 solistas interpretam uma Rapsódia em Dó de Franz Liszt, num arranjo para quatro pianos.



Fig31

Acompanhando o Professor Adácio Pestana, num concerto em 1964 integrado nas comemorações do centenário de R. Strauss, sob a direcção do Capitão Silva Dionísio.



Fig32

No Jardim da Fundação Gulbenkian no ano de 1967, acompanhando o solista em trompete Helmut Hungers sob a direcção do maestro Silva Dionísio.



Fig33

Teatro de S. Carlos, 7 de Maio de 1970, sua Ex^a o Presidente da República Américo Tomás, cumprimenta um dos solistas em Trompa. 2º Sargento Músico Diamantino da Silva Rodrigues.

A ERA DAS CORES



fig.34
Concerto de Gala, em 1973, sob a direcção do mesmo Maestro Major Silva Dionísio.

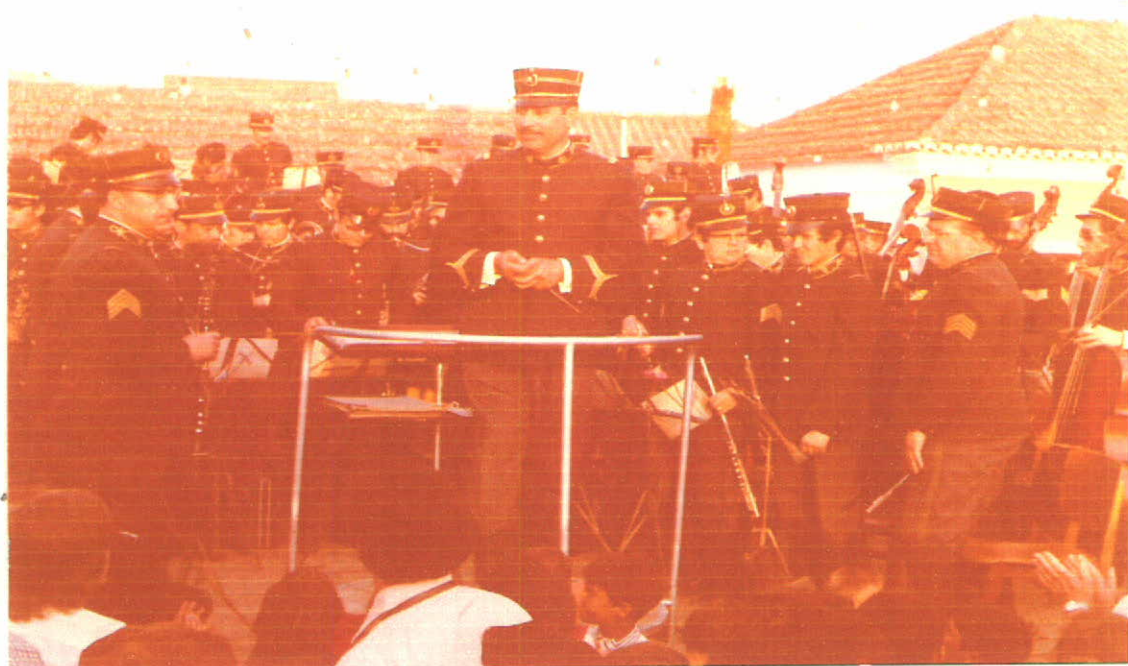


fig.35
Um dos muitos concertos ao ar livre que a banda fazia pelo país. Ano de 1975, direcção do Tenente Alves Amorim.



fig.36

Concerto de homenagem a David de Sousa, realizado na Figueira da Foz, em 1977, sob a batuta de Alves Amorim.



fig.37

Concerto realizado em Tomar a 14 de Novembro de 1985, era chefe da banda o Major Idílio Fernandes.

Na segunda metade do séc.XX houve uma evolução notória na apresentação da banda a partir dos concertos semanais que eram realizados na parada do Comando Geral, sempre concertos em que a banda apresentava sempre repertório diferente. Passou também a actuar nos concertos dominicais no Jardim da Estrela. Mais tarde estes concertos passaram a realizar-se no Teatro da Trindade e no Teatro de São Luiz.

Anos mais tarde a banda passa a realizar concertos em alternância com a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional no Cinema Rivoli.

A par destes concertos é de referir a sua actuação por altura do aniversário da GNR, no que é considerado o seu concerto de gala, realizado ainda nos nossos dias no Teatro de São Carlos, ao qual assistem o Chefe de Estado, sua esposa e altas individualidades civis e militares.



fig.38

Realizando um concerto no Teatro da Trindade, integrado nos concertos dominicais de 1984.

Algumas críticas de jornais da época

Os numerosos recortes existentes no arquivo da banda falam por si, passo a apresentar apenas três, tirados do Diário de Notícias, do Diário Popular e do Diário de Luanda que são bem exemplo do prestígio que esta banda gozava.

Banda Que já Teve Liszt Como Regente Será Sucesso Hoje

A colónia portuguesa e o povo bairano vão ouvir hoje a noite, na Concha Acústica do Teatro Castro Alves a Banda de Música da Guarda Nacional Republicana, que não se exhibiu ontem no Ginásio António Balbino, e cujos 104 componentes executarão um programa que inclui o "Tammbauer" de Wagner e a "Rapsódia Hungara, n. 2", de Liszt, além de outras peças clássicas.

A Banda portuguesa — que passa agora por Salvador, prove-niente do Rio, onde participou nas festas do IV Centenário, se exhibirá hoje na Televisão Itapuaú onde "seculará" uma peça popular que certamente irá emocionar os lurdianos. — A Severa — pois, segundo o maestro Silva Diniz "trata-se de uma música que faz qualq[ue]r patricio chorar".

CONSERVOS E TOINENSE

A Banda de Música da Guarda Nacional Republicana veio ao Brasil, convidada pelo governo da Chahabara para as solenidades do IV Centenário. Uma vez na terra lina, esta fazendo uma tournée por vários Cid. do país, entre elas Recife, São Paulo, Santos. Depois de Salvador onde passara "as dias, seguiu para Aracaju, retornando depois a Lisboa.

Em Portugal a Banda recebeu vários convites para concertos mas só no país mas também em vários pontos do Continente Europeu. Além das apresentações seguiu no proprio quartel da Banda, aonde todo o povo português comparece por ocasião dos grandes concertos, a banda costumava apresentar no Teatro São Carlos, o mais importante de Lisboa. Durante 9 m[es] de actividade, a banda dá que já conta com 146 anos, recebe todas as personalidades civis e militares de Portugal, inclusive o Presidente da República, que comparece às apresentações, levando os seus aplausos e estimulo carinhoso.

CLASSIC E O SOLO

A Banda lusitana é toda composta de militares, e o maestro sinal é o Tenente Silva Diniz. Estes militares, muitas vezes, são também esportistas ou professores de conservatórios de música em Portugal. Com a impetência de seu uniforme azul escuro, enfeitado com galões dourados, onde estão os palanetes da farda militar, os músicos, o conjunto tem uma aparência harmoniosa e majestosa.

Foi 146 anos da existência, a banda já abriu ho seu grupo, gações de pais filhos e netos. Na sua historia um dos epíscopos mais famosos de Portugal, o cardeal Liszt, estando certa vez em Portugal, e havendo expressamente na banda para fins filantropicas, fez-se ofrecido para tocar n[os] concertos. E por t[em]po há já se salta a primeira

da Banda portuguesa. Outro aspecto interessante é que um dos primeiros chefes do conjunto foi o cunhado de Napoleão Bonaparte: chamava simplesmente n[um]r, o famoso General de França.

VARIOS NOMES

Quando foi fundada em 1732, por um português filho de espanhóis de nome Salter, a Banda tinha o nome oficial de Banda Real. Passou depois para Municipal e finalmente para a Guarda Republicana. Embora tocando todos os tipos de música clássica, contemporânea, folclórica e popular — a Banda tem-se dedicado mais a música sinfónica, e até já existe movimento de intelectuais, que sugerem a mudança do nome oficial para Banda Sinfónica. O maestro Silva Diniz não elucida, diz que "não há nenhuma preferência conservadora por parte do grupo, e o importante é que se "oque todo o tipo de música". Desde a de câmara até os velhos dados, os quartetos dos portugueses e de todo mundo.

OS INSTRUMENTOS

A banda e composta de flautas, flautas, oboés, contra-altos, trompetas, clarinetas, clarinetas baixos, alcornacas, contrabaixos, saxofones soprano, alto, tenores, barítonos e baixos, tambores; contra-bajos; violoncelos, contrabaixo de corda; trompas; trompetes; cornetas; fistas; — supratrombo; fistas; cornes; trombones; barítonos; bombardões; tubas; Harpa; xilofone; sistro; timpanos batedores, e celeste, que é uma espécie de piano.

Toda a banda ensaia diariamente tendo apenas um dia de descanso na semana. E, embora se disponha de músicos de todas as profissões portuguesas, eles estão sempre juntos para os ensaios. Apesar de ser ela bastante antiga, todos

Os atuais elementos da Banda são novos, não havendo mesmo quem esteja nela há mais de trinta e cinco anos.

NA BAHIA

O maestro Silva Diniz disse que, ouvindo falar no alto nível intelectual da Bahia, decidiu com um cuidado especial, as músicas que apresentaria nos dois concertos que aqui a Banda fará. Ontem, no Ginásio António Balbino, foi executada por primeira parte do programa a Abertura do "Tammbauer" de Wagner, a Rapsódia Hungara n. 2 de Liszt e o "Capitão Espagnol, de Korsakov".

Na segunda parte, foram tocadas músicas lusobrasileiras, entre elas o "Bailado Pastoral", de Ivo Cruz e a "Suite de Alentejo", de Raui Brandão. Finalmente, na terceira parte, o Poema sinfónico "Imbaporã", do autor brasileiro Lorenzo Ferrer.

Hoje, na Televisão Itapuaú, a Banda se apresentará durante trinta minutos, começando às 16 horas, e só tocará músicas populares entre elas "A Severa", que faz todo português ficar mais saudoso de sua terra, e que no Rio arrancou lágrimas da colônia que assistia aos concertos.

Fig. 39

A 12 de Fevereiro de 1845 o Grande Compositor Franz Liszt deu um recital no Carmo. Ao que parece e a julgar por este recorte também dirigiu a banda.

Este artigo, coloca o então maestro da Banda da Guarda Nacional Republicana, Manuel da Silva Dionísio entre os grandes nomes da música do canto e do teatro, como Ivo Cruz, Joaquim Silva Pereira, Frederico de Freitas, Helena Moreira de Sá da Costa, Eunice Munoz, Raul de Carvalho entre outros do mesmo prestígio, convidados pelo Chefe de Estado e sua esposa para um almoço no Palácio Nacional de Belém. Eram sem dúvida notícias prestigiantes para a banda.

DIÁRIO

8 - 4 - 1964

POPULAR

ARTISTAS teatrais e músicos almoçaram hoje com o Chefe do Estado

O Chefe do Estado e sua esposa ofereceram hoje, no Palácio Nacional de Belém, um almoço a diversos artistas de Música e de Teatro.

Estiveram presentes os srs. prof. Lourenço Varela Cid, presidente do Sindicato Nacional dos Músicos; maestros dr. Ivo Cruz, director do Conservatório Nacional; Joaquim Silva Pereira, director do Conservatório de Música do Porto; Frederico de Freitas e Manuel da Silva Dionísio, chefe da banda da Guarda Nacional Republicana; pianista sr.ª D. Helena Moreira de Sá e Costa; cantores Tomás Alcaide e dr. Alvaro Malta; as actrizes Palmira Bastos, Amélia Rey Colaço, Eunice Muñoz e Laura Alves, e os actores Assis Pacheco, Raul de Carvalho, Francisco Ribeiro e Virgílio Macieira.

fig.40

9-12-1959

DIARIO DE LUANDA

TEVE MUITO ESPLENDOR e nível artístico o espectáculo sinfónico de ontem, à noite, na Fortaleza

Com uma multidão por assistência, notando-se a presença das mais altas individualidades, entre as quais se notavam os srs. almirante Sarmiento Rodrigues, Secretários Provinciais e Geral, Comandantes Militar e Naval, presidentes do Município e dos organismos científicos e culturais — realizou-se ontem, à noite, na esplanada da Fortaleza de S. Miguel, o anunciado Concerto Coral Sinfónico com a participação de mais de trezentos elementos, que resultou, efectivamente, num espectáculo esplendoroso e muito aplaudido.

O bem elaborado programa foi assim constituído: I parte (música polifónica): «Cristus Vincit», «Vellum Templi», «Regina Coeli», «Calligavernuta» e «Aleluia».

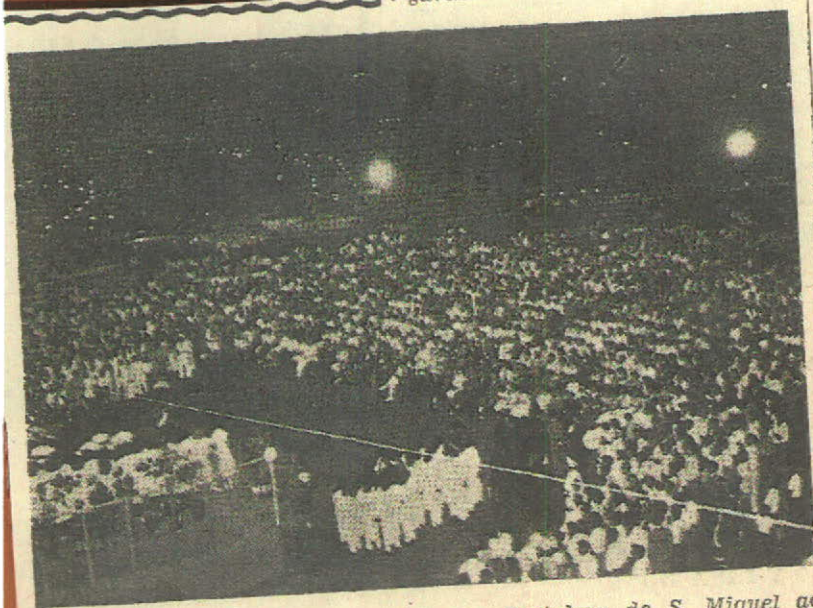
II parte (música coral — sinfónica): marcha da ópera «Tanhauser», danças guerreiras do «Príncipe Igor», «1812» (Tomada de Moscovo), «Op. 49» e o Hino Nacional Português.

Colaboraram na sua execução os

coros dos Seminários de Luanda e de Malanje; dos liceus D. Guiomar de Lencastre e Salvador Correia; do Colégio Cristo-Rei e da CUCA; a Orquestra de Salão de Luanda do Instituto de Angola e as professoras D. Ilda Machado da Cruz, D. Ana Maria de Brito e srs. Águas Cruz e José Jerónimo Varela.

O sr. Padre Costa Pereira dirigiu os coros dos Seminários e a parte restante do programa foi orientada pelo maestro Silva Dionísio. Em todo o programa colaborou a Orquestra de Salão do Instituto de Angola. Patrocinaram o espectáculo o Governo-Geral, as Autoridades Eclesiásticas, o Comando Militar de Angola, os Serviços de Instrução, o Instituto de Angola e a direcção da CUCA.

Não houve convites e apenas foram reservados lugares para as entidades oficiais. O acesso do público foi livre e pode dizer-se que meia Luanda esteve a assistir ao festival.



Numerozo público assistiu, ontem, na Fortaleza de S. Miguel ao magnífico Concerto Coral Sinfónico

fig.41

Concerto em Fortaleza com a banda a ser acompanhada por um coro.

Digressões ao Estrangeiro por ordem cronológica

Em 164 anos de existência a Banda de Música da Guarda Nacional Republicana desenvolveu uma obra notável ao nível da divulgação artística levando a música de qualidade a vários palcos de vários Países. Entre eles: Espanha, França, Holanda, Brasil, Bélgica, Itália, Suíça e Luxemburgo.

A sua actividade subdivide-se em três áreas:

- De representação a nível de Protocolo de Estado, Cerimónias Militares e Concertos.

Na cobertura musical interna é justo destacar o prestígio que tem granjeado ao longo dos anos nos Concertos de Gala no Teatro Nacional de São Carlos, nas ruínas do Convento do Carmo, nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, nos Teatros da Trindade, São Luiz, várias Igrejas, Coliseu dos Recreios e um pouco por todo o País onde as condições acústicas e ambientais assim o permitirem.

A Banda da GNR, conta hoje cerca 125 elementos, alguns dos quais, distintos professores e músicos de orquestra. Assim como acontecia há dezenas de anos, foi acontecendo e continua a acontecer.

Dos muitos êxitos obtidos fora do País destacam-se:

- 1892 Concurso Internacional de bandas militares de Badajoz

- 1910 Madrid, São Sebastian, Barcelona e Sevilha

-1929 Madrid e Sevilha

- 1930 1º Viagem ao Brasil

- 1963 Holanda, participação na NATO-TAPTOE

-1965 2º Viagem ao Brasil

- Em 1980 em MONS (Bélgica) no 20º Festival de bandas Militares, representando a Instituição Militar Portuguesa

- 1987 Cáceres, intercâmbio cultural entre Portugal e Espanha

1988 Cáceres e Plasência (Espanha), jornada de solidariedade com a zona sinistrada do Chiado (Lisboa).

-1995 Modena (Itália) a fim participar no IV Festival de Bandas Militares, tendo obtido um notável êxito.

-1996 Basileia (Suíça) no festival Internacional da Bandas de Polícia.

- 1998 digressão ao Luxemburgo com actuação em 3 cidades: Differdange, Luxemburgo e Vianden, efectuando concertos de nível assinalável.

AS VÁRIAS ACTIVIDADES

Das actividades que a Banda desenvolve além dos concertos, há algumas delas que se prolongam há muitas dezenas de anos. São disso exemplo a Procissão da Senhora da Saúde, e o Render da Guarda. A Procissão é realizada ainda nos nossos dias, no mesmo lugar, no mesmo mês. (Maio). A foto a baixo (fig.42), foi tirada durante a cerimónia religiosa em Lisboa, no dia 6 de Maio do ano de 1951, tendo como chefe, Silva Dionísio.

A foto seguinte, (fig43), data de 1970, representa outra actividade que a banda exerce há longo tempo, trata-se do Render da Guarda no Palácio de Belém, residência oficial do Presidente da República. Uma cerimónia militar que ao longo dos anos tem atraído milhares de pessoas nacionais e estrangeiras É realizado sempre no terceiro domingo de cada mês.



fig.42

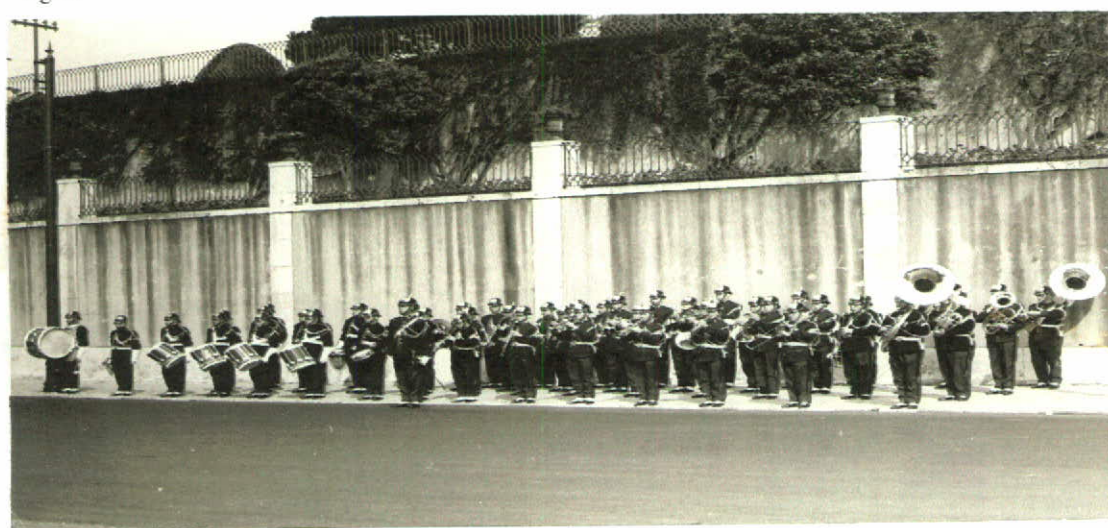


fig.43

Além das actividades atrás referidas, a banda desenvolve outras como acompanhamento de jantares, onde a banda se faz representar por um grupo de música de câmara, e executa pequenas peças durante o jantar de altas entidades (Ver fig.54). Os Tattos são um espectáculo realizado pelas bandas militares, muito apreciado pelo público em geral. Os desenhos criativos que surgem com o evoluir dos militares no relvado, com a beleza dos muitos uniformes em movimento, acompanhados por música de carácter popular, torna estas actuações, neste caso da banda da GNR, um acontecimento digno de registo, até há bem poucos anos transmitido pela televisão.

A fig.44, mostra a banda da GNR no Estádio do Restelo, a actuar no Tatroo da Nato Luso Britânico, em 1963. Mais a baixo, (fig.45) podemos ver uma foto do Tatroo na Holanda em 1963, onde actuaram bandas de toda a Europa. Na página seguinte (fig.46, 47 e 48), podemos ver a banda marcando presença num torneio inter bandas militares e numa cerimónia fúnebre.

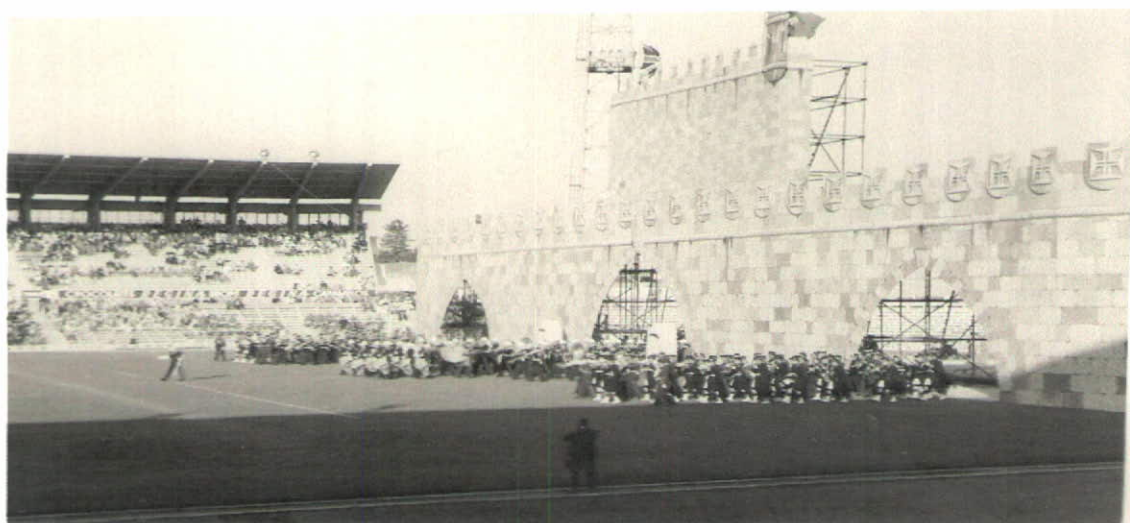


Fig.44



fig.45

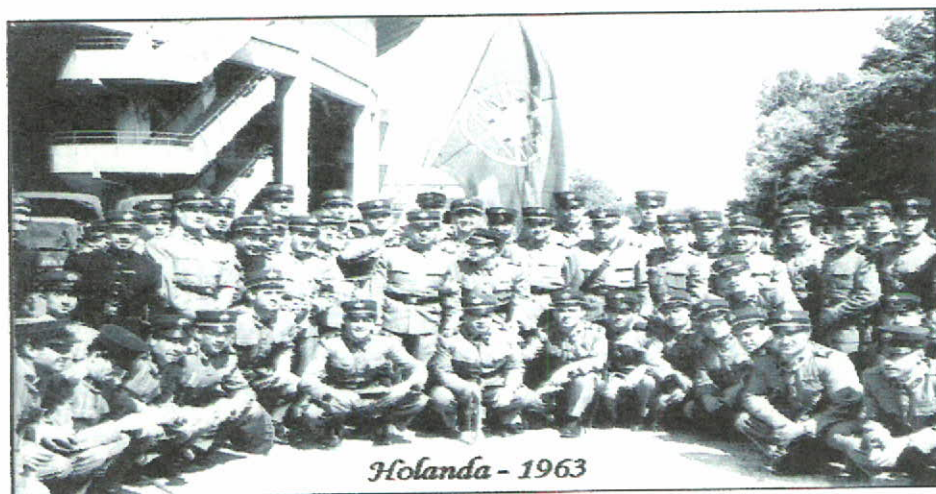


fig.46,47 e 48

Na Holanda em 1963, participando na NATO-TAPTOE.



Em 1972, participando num torneio Inter Bandas Militares.



Rio de Janeiro, num serviço de homenagem aos Mortos da Grande Guerra.

PASSADO RECENTE



fig.49

Banda em 1992, chefiada pelo Major Vasco da Cruz Flamino.



fig.50

Teatro da Trindade, concerto de homenagem a Frederico de Freitas. Ano de 2002.

A Banda no Presente



fig.51 Ensaio, na sala de ensaios actual, sob a direcção do Major Jacinto Montezo.



fig.52

O naipe de violoncelos e de contrabaixos de corda, asseguram uma sonoridade mais macia, e conferem um carácter mais sinfónico. A sonoridade poderosa invulgar e envolvente, mas divergente de uma orquestra sinfónica, entre outros aspectos devido aos muitos violinos de uma orquestra que são aqui substituídos por clarinetes.



fig.53
A banda de hoje em concerto de Gala.



fig.54

Actuação do Grupo de Câmara, num jantar de altas entidades. Da esquerda para a direita: Luís Cochofel-flauta, Luís Vieira – oboé; Silva Vieira- harpa; João Panta Nunes - contra baixo; Rola – violoncelo; Rogério- Fagote; José Ribeiro e Arlindo-clarinetes e o Chefe Major Jacinto Montezo.





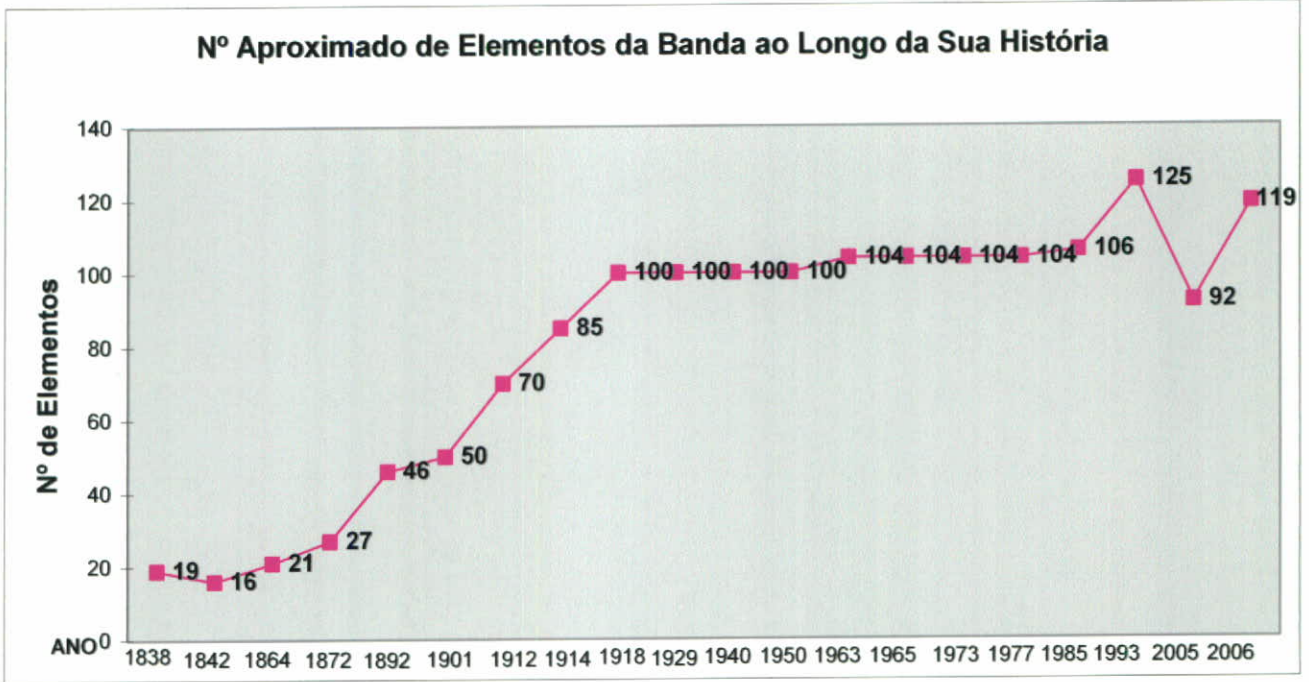
fig55.

Foto tirada na noite de 4 de Janeiro de 2005, no Concerto de Ano Novo. Concerto que teve transmissão televisiva, e ao qual assistiram sua Ex^a o Presidente da Republica, sua esposa 1^a Dama e o Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana, General Mourato Nunes e Esposa.

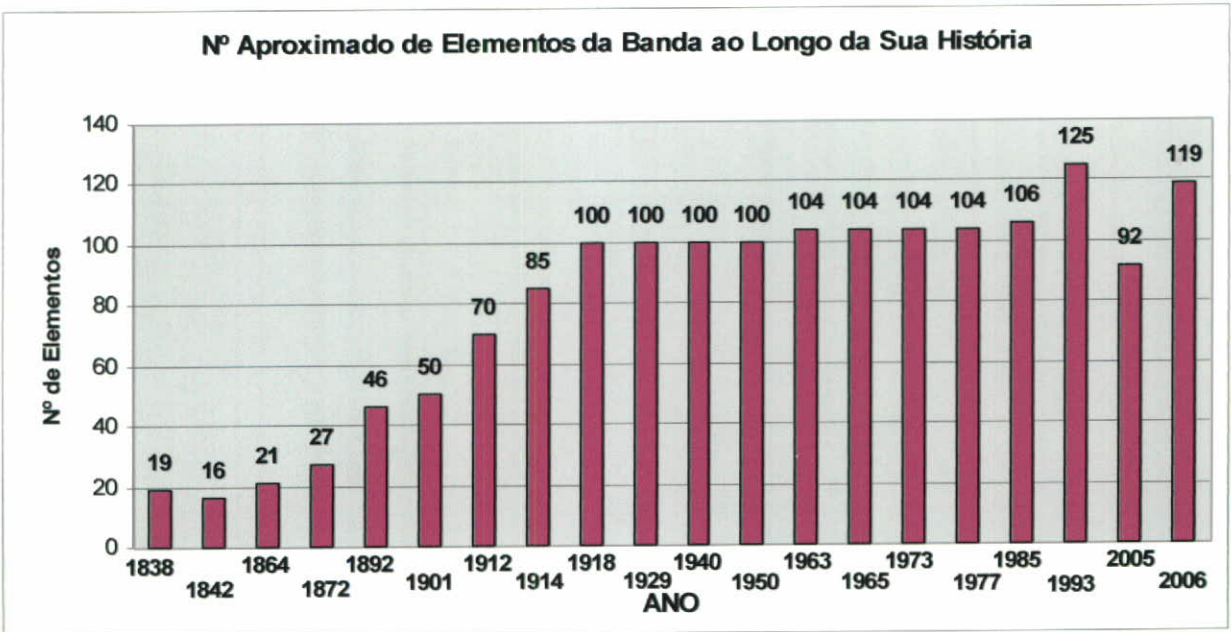
EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO DA BANDA

Número aproximado de instrumentistas da Banda ao longo da sua história.

INSTRUMENTOS	ANO														
	1892	1901	1912	1918	1929	1940	1950	1963	1965	1973	1977	1985	1993	2005	2006
Flautim	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Flautas	2	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	?	4	4	4
Oboés	2	2	2	3	3	3	4	4	4	3	3	3	3	4	4
Corne Inglês	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Requintas	1	1	1	2	2	2	2/4?	2/4?	4?	2	3	3	2	2	2
Clarinetes	12	12	14	16	22	22/24?	24	24	24	24	20?	20	26	24	27
Clarinetes Altos	0	0	1	1	2	2	2	2	2	2	2	1	1	1	1
Clarinetes Baixos	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Saxofone Soprano	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Saxofones Altos	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	3
Saxofones Tenores	1	1	2	3	2	2	2	2	2	2	2	3	3	2	2
Saxofones Barítonos	1	1	2	2	2	2	1	1	1	2	1	1	1	2	2
Saxofones Baixos	1	1	2	2	2	2	1	1	1	1	1	0	1	1	1
Clarinete Pedal	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Fagotes	2	2	2	2	3	3/4?	4	4	4	4	4	4	4	4	4
Contrafagote	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Sarruzofone	0	?0	2	2	2	?	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Cellos	0	0	0	2	2	3/4?	4	4	4	4	4	4	7	6	8
Harpas	0	0	0	?	1	1	1	1	1	1	1?	2	2	2	2
Clavicórnios	2?	2?	4?	4?	0?	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Trompas	4	4	4	4	6	6	8	8	8	8	8	9	5	4	6
Cornetins	0	2?	2	2	2	2	4	4	4	4	2	2	2	2	4
Petit Bugle	0	?	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Trompetes	4	4	4	4	6	6	4	4	4	6	8	8	6	5	7
Trombones	3	4	4	4	4	6	4	4	4	6	6	8	8	8	9
Trombone de Canto	?	?	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Fliscornes	2	2	2	2	2	2	4	4	4	4	2	2	4	1	3
Barítonos	0	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	2	2
Bombardinos	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	3	3	3
Contra Baixos de Metal Mib	0	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	0	0
Tubas	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	4	4	3	4	5
Contra Baixos de Corda	0	0	0	3	4	4	4	4	4/6?	6	6	6	8	7	7
Teclas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Percussão	2	2	4	4	4	4	6	6	6	6	6	6	5	5	6



Outra perspectiva:



2ª PARTE

FAGOTISTAS

OS PRIMEIROS FAGOTISTAS. FILIPE TITEL/EUSÉBIO DE CARVALHO

Na segunda parte do trabalho tentarei dar a conhecer alguns dos fagotistas que fizeram parte desta banda.

Foi minha intenção chegar o mais longe possível em termos de gerações, investigando de várias formas, socorrendo-me principalmente de fichas pessoais que existem no arquivo da banda para assim tentar descobrir quem foram os primeiros fagotistas, informação que depressa se tornou inacessível já que acabou por se perder ao longo dos muitos anos de existência da banda.

Assim sendo a primeira referência que encontrei na minha pesquisa, a respeito de um provável fagotista surge na edição da revista *Alma Nacional*.

Filipe Titel de seu nome era pai de quatro filhos. Um deles, Silvestre Leonardo Titel fora músico da Banda da Guarda Real de Polícia, no entanto não encontro referência ao instrumento que tocava. Sabe-se que o seu pai, Filipe Titel também fora músico militar e que além de tocar vários instrumentos de palheta, (um dos quais poderia ser o fagote), foi professor do conhecido fagotista Augusto Neuparth.

Se Filipe Titel foi músico da Banda da Guarda Real de Polícia então poderá ter sido dos primeiros fagotistas da história desta banda. Infelizmente não existem (pelo menos do meu conhecimento), documentos ou fotos relacionados com Titel. Uma segunda referência a um fagotista encontra-se na mesma revista, Eusébio de Carvalho, a respeito do qual podemos ler estas curiosas palavras: “*Eusébio de Carvalho que toca primorosamente clarinete e aprendeu em meia dúzia de dias a tocar fagote, hoje é solista da Grande Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional...*”

Sobre este prestigiado executante podemos ler ainda: “*Eusébio Rodrigues de Carvalho, sub-chefe da banda da guarda republicana de Lisboa. É o melhor solista dos últimos tempos, não só no clarinete, mas também em fagote. Esteve na banda cerca de vinte e oito anos... Eusébio de carvalho é dos executantes portugueses que maior apreço tem merecido aos maestros estrangeiros. Sérgio Koussevi convidou-o para professor do conservatório de Bóston (América do Norte). Tem sido o solista preferido de todas as boas orquestras, fazendo parte actualmente da grande orquestra sinfónica da emissora nacional. É compositor de grandes recursos e músico muito ilustrado*”. (Ribeiro 1939)



fig.1

Foto de Eusébio de Carvalho.

Ordem cronológica- primeiras décadas do séc. XX

Por ordem cronológica teremos provavelmente os seguintes fagotistas:

- Mário Barroso
- Ângelo Pestana
- João Gonçalves Mateus
- José Coimbra
- José Maria Bernardo
- Armindo Calado Alves
- José pereira de Sousa
- Jacinto Maria
- Guilherme Marau
- Arlindo Marques dos Santos
- Maurício Silva
- Rogério Pereira
- José Tavares
- José Rodrigues Miranda
- Carolino Carreira
- Fernando Lopes
- Nuno Batista
- João Brito

JOÃO GONÇALVES MATEUS

Desde que comecei a aprender fagote, mais precisamente em 1984, quando se falava de fagotistas do passado, havia um nome que era mencionado com um enorme respeito. Das minhas aulas no Conservatório com o Professor Arlindo Santos, não poucas vezes se falava de João Mateus. Foi o facto, de ele ter sido membro da Banda da Guarda Nacional Republicana e de sentir por ele um enorme respeito e uma curiosidade excepcional, que me leva a dedicar-lhe uma boa parte deste trabalho.

As informações e opiniões que ia ouvindo acerca de João Mateus, eram sempre tanto elogiosas como curtas. Talvez por isso tinha enorme curiosidade em saber mais sobre aquele, que muitos consideram um dos melhores fagotistas portugueses de sempre.

Tive a felicidade e o privilégio de conhecer o Dr. Pediatra, João Mateus, filho de João Gonçalves Mateus, o qual me concedeu acesso a fotografias, documentos, fitas com gravações, material de palhetas e até as próprias palhetas do filho. Tive ainda a honra de conhecer a Esposa de João Gonçalves Mateus, Dona Maria José da Costa Mateus, que conta a bonita idade de 94 anos.



fig.2

Foto de João Mateus. 14 de Dezembro de 1939, na altura no Exército.



fig.3

Foto de Outubro 1946, como 1º Sargento da Banda da Guarda Nacional republicana.

NOTAS BIOGRÁFICAS

João Gonçalves Mateus, filho de Diogo Mateus e de Maria Augusta Gonçalves, nasceu em Fronteira, distrito de Portalegre, a 13 de Abril de 1915.

Estudou na Escola Industrial Fradesso da Silveira, em Portalegre.

Nesta cidade alistou-se no Exército em 1933, como soldado aprendiz músico.

Já em Lisboa, estudou no Conservatório Nacional, tendo terminado o curso de Fagote em 13 de Julho de 1942. Na sua carreira profissional estão averbadas como especialidades além de Fagote, Flauta e regente de Orquestra. Tocava também saxofone. Foi membro da Banda da Guarda Nacional Republicana, sendo promovido a 1º Sargento Músico em 1946.

Casou em 1949, com Maria José da Costa Mateus, de quem teria um filho.

Foi 1º Fagote da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e fez parte do célebre Quinteto de Instrumentistas de Sopro da Emissora Nacional, constituído por Luís Boulton(flauta), Adácio Pestana(trompa), Carlos Saraiva(clarinete), Agostinho Romero(Oboé) e João Mateus(fagote).

Doente reumático crónico, viu a Pelviespondilite Anquilosante limitá-lo progressivamente, situação que o levou a recusar um convite para integrar a Orquestra Sinfónica de Filadélfia e a abandonar precocemente a sua carreira militar em 1958.

Foi no entanto solista da Orquestra Sinfónica mais alguns anos, provavelmente até 1975.

Teve muitos pontos altos na sua carreira, de destacar:

-Concurso realizado a 15 de Junho de 1955 em que lhe foi atribuído o Prémio do Conservatório;

-Participação televisiva em programa conduzido pelo Maestro José Atalaia, sobre fagote.

- Inúmeros solos de fagote em concertos merecedores de críticas muito favoráveis, em jornais da época.

Destes solos destaca-se a actuação em Lisboa da “Sagração da Primavera” de Stravinsky, com a presença do compositor, que fez questão de o conhecer e elogiar pessoalmente.

Além de intérprete de exceção, João Mateus era igualmente um especialista na construção das suas palhetas. Uma habilidade invulgar, que permitia construir palhetas da melhor qualidade. Das suas mãos, de uma cana com aspecto primitivo, surgiam pouco a pouco, elegantes palhetas, com formas e características ligeiramente distintas, que as tornavam mais apropriadas para este ou aquele solo.

Faleceu a 13 de Fevereiro de 1982.

A sua esposa e o filho, sentem por ele enorme orgulho e uma profunda saudade.

FOTOS DE JOÃO MATEUS

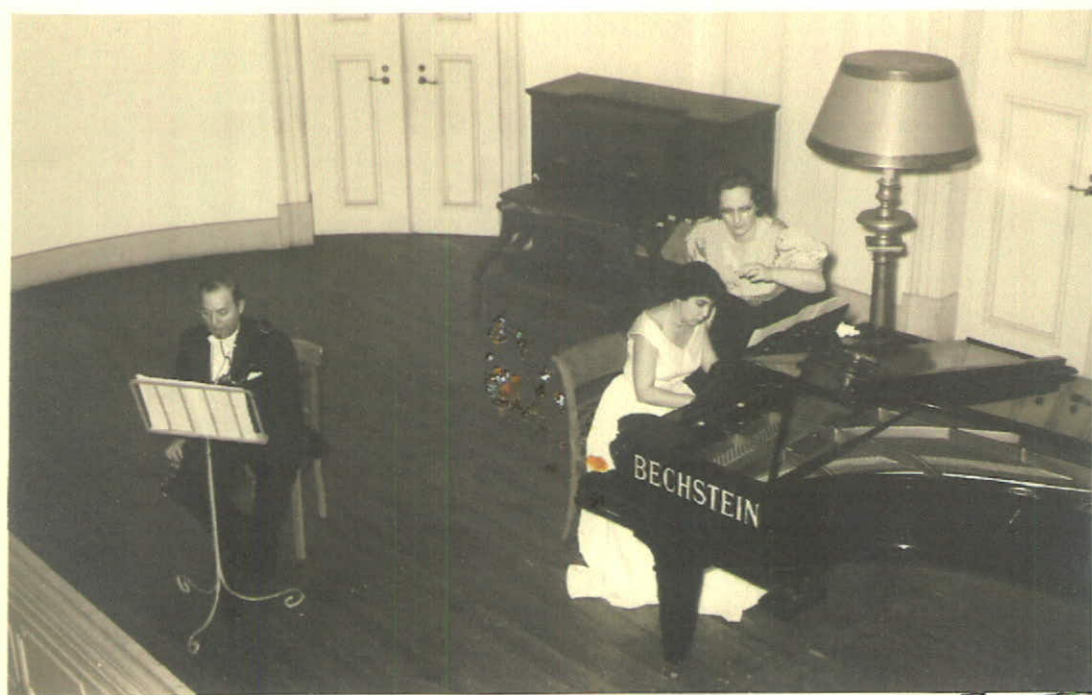


fig.4

João Mateus no concurso do conservatório em 1955.



fig.5



Ampl

.fig.6



Ampl

fig.7

A receber o prémio do Conservatório.

João Mateus era membro de um quinteto de sopros, com ilustres executantes. Como se pode ver mais à frente, o currículo dos músicos era notável. O programa que a seguir se apresenta é de elevada dificuldade, permitindo ter uma ideia da qualidade dos músicos envolvidos.

CONCERTO

PELO

QUINTETO NACIONAL

DE

INSTRUMENTISTAS DE SOPRO

com a colaboração da Pianista REGINA CHSCHIS



SEXTO DA SERIE:
«OS INTERPRETES PORTUGUESES DA MÚSICA UNIVERSAL»,
COM O PATROCÍNIO DA FUNDAÇÃO GALOUSTE GULENKIAN

25 DE MAIO DE 1961
ÀS 21,30 HORAS

O QUINTETO NACIONAL DE INSTRUMENTISTAS DE SOPRO,

um dos mais valiosos agrupamentos artísticos do
nosso país, é constituído por:

LUIS BULLITON (Bante), diplomado pelo Conservatório de Música do Porto e professor do Conservatório Nacional, em Lisboa. Solista da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e 1.º prémio (em concurso) da Rádio.

JOSÉ DOS SANTOS PINTO (oboe), diplomado pelo Conservatório Nacional, onde é professor. Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, em Paris aperfeiçoou e alargou os seus conhecimentos. Solista da Orquestra Filarmónica de Lisboa.

CARLOS SARAIVA (clarinete), Solista da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e da Banda da Guarda Nacional Republicana.

ADÁCIO PESTANA (trompa), Solista da Orquestra Sinfónica Nacional, da Banda da Guarda Nacional Republicana e 1.º prémio da Rádio, ganho em concurso, em 1949.

JOÃO MATEUS (fagote), diplomado pelo Conservatório Nacional. Solista da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e detentor do 1.º prémio do Conservatório Nacional.

fig. 8

PROGRAMMA

1.^a PARTE

SEXTETT, op. 6 *LUDWIG THUILLE*

- Allegro moderato
- Larghetto
- Gavotte
- Finale

2.^a PARTE

QUINTETT, op. 14 *JOHANNES SOBECK*

- Allegro mosso
- Tema con variazione e scherzino
- Tarantella

3.^a PARTE

SEXTUOR *FRANCIS POULENC*

- Allegro vivace
- Divertissement
- Finale



fig.10

João Mateus, aplaudindo a orquestra de Filadélfia. Orquestra que o convidou para ocupar o lugar de 1º fagotista. O sonho não se concretizou por motivos de doença.

“Noite inesquecível” são estas palavras que se podem ler nas costas do original desta

Foto. Escritas pela mão do próprio João Mateus. Na foto a numerosa assistência que aderiu ao concerto que decorreu no cinema Império na noite de 26 de Maio de 1955. O entusiasmo nos rostos dos ouvintes entre os quais João Mateus.



fig.11

Foto dum agrupamento, acompanhando uma ópera de Câmara no Instituto Superior técnico em 1958, onde se encontra João Mateus.

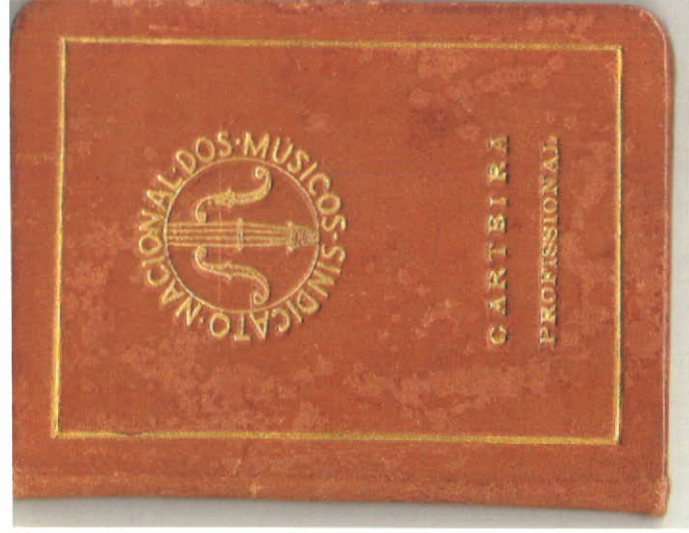


Fig.12

A carteira profissional passada pelo sindicato nacional dos músicos.

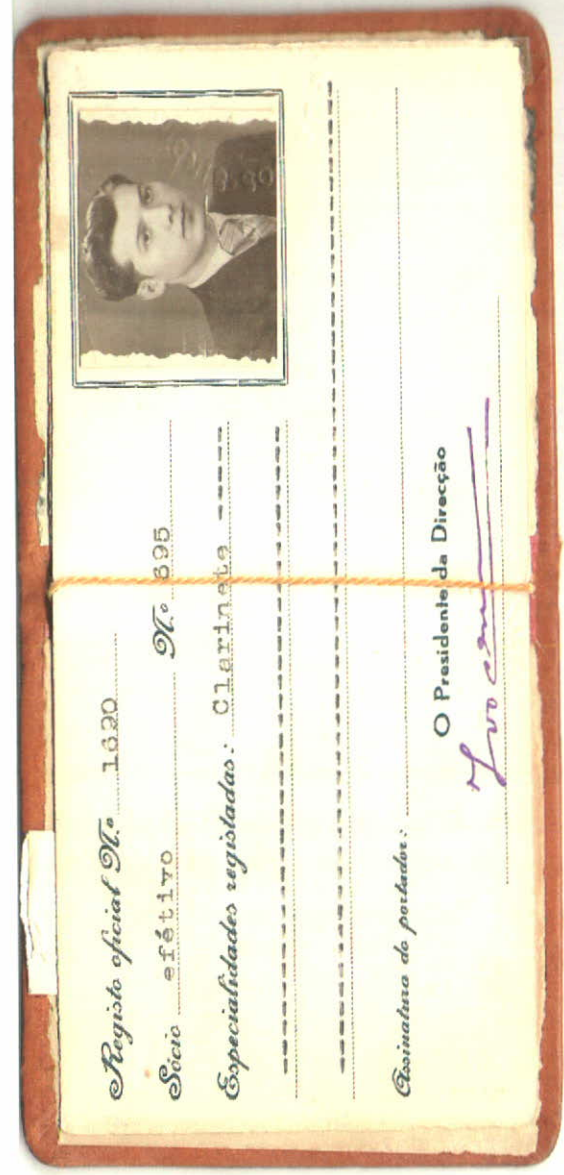


fig.13

A carteira profissional dos Músicos era um título indispensável ao exercício da Profissão, e era passada pelo Sindicato Nacional dos Músicos. Continha as especialidades profissionais em que o seu portador podia exercer a profissão. Curioso que aqui Mateus aparece tendo como especialidade o clarinete. Facto que se percebe, já que na altura, além de ser usual tocar mais que um instrumento, os fagotistas vinham quase sempre de outros instrumentos.



fig.14
Num ambiente mais descontraído, entre amigos do exército.



fig.15



Fig.16

Chegada da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional ao Aeroporto de Bruxelas, no ano de 1966. João Mateus, o 5º a contar da esquerda.

O TRABALHO DE LABORATÓRIO: PALHETAS

João Mateus, como já foi dito, além de excelente fagotista foi um homem extremamente habilidoso e cuidadoso na construção das suas palhetas. Cumpre-me referir como fagotista, que ao ter contacto com as suas palhetas, fiquei impressionado com o estado em que se encontram, assim como com toda a actualidade e disciplina que ainda envolve aqueles estojos, tão brilhantemente apetrechados de ferramentas, com certeza as melhores que lhe era possível possuir na altura. Estive perante algo que provavelmente jamais foi visto desde a sua morte, com alguma emoção se me é permitido dizer, creio que fui encontrar um pouco de João Gonçalves Mateus.

Com este contacto fiquei com a admirável certeza de que, por incrível que pareça, as palhetas de João Mateus, são extremamente parecidas com as dos fagotistas de hoje. Fica a ideia que ele era bastante á frente no seu tempo, sobretudo quando se pode ler alguns bilhetes e notas que escreveu, sobre certas regras que ele próprio, não se permitia esquecer, para que as suas palhetas funcionassem. Hoje as suas palhetas são actuais. O seu profissionalismo estendia-se ao ponto de anotar em bilhetes, que eram colocados no interior das palhetas, para facilmente as reconhecer. Assim podemos ter hoje a palheta com a qual, tocou a Sagração da Primavera de Stravinsky, aquele solo que o compositor ouviu e aplaudiu entusiasticamente.

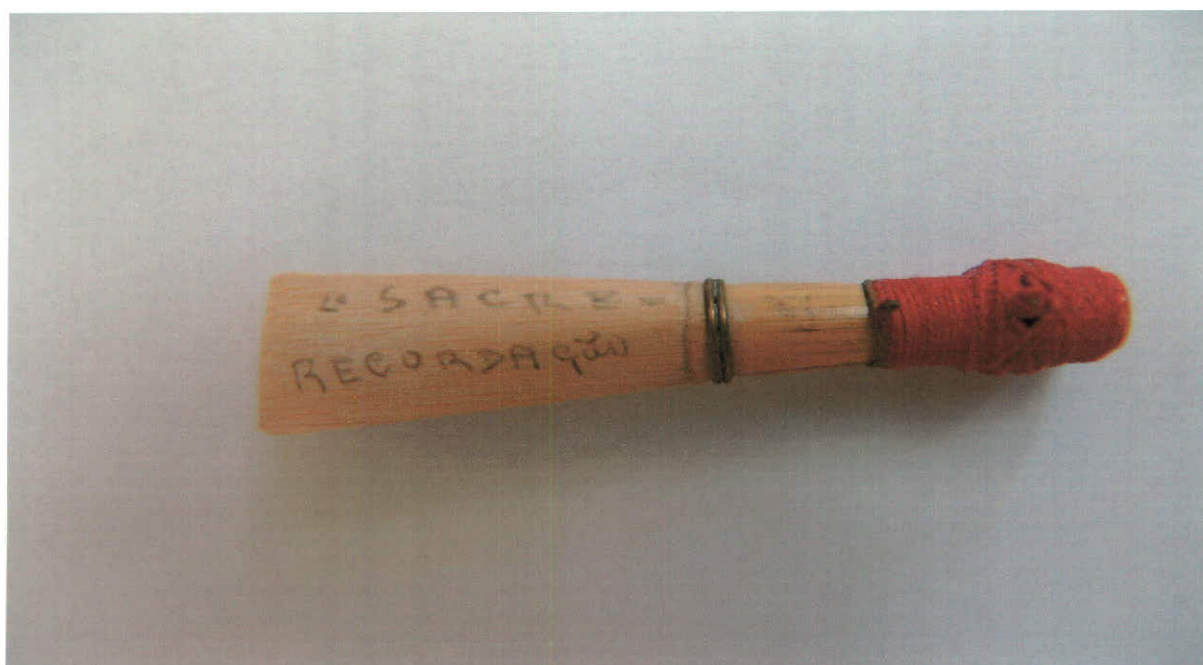


Fig.17

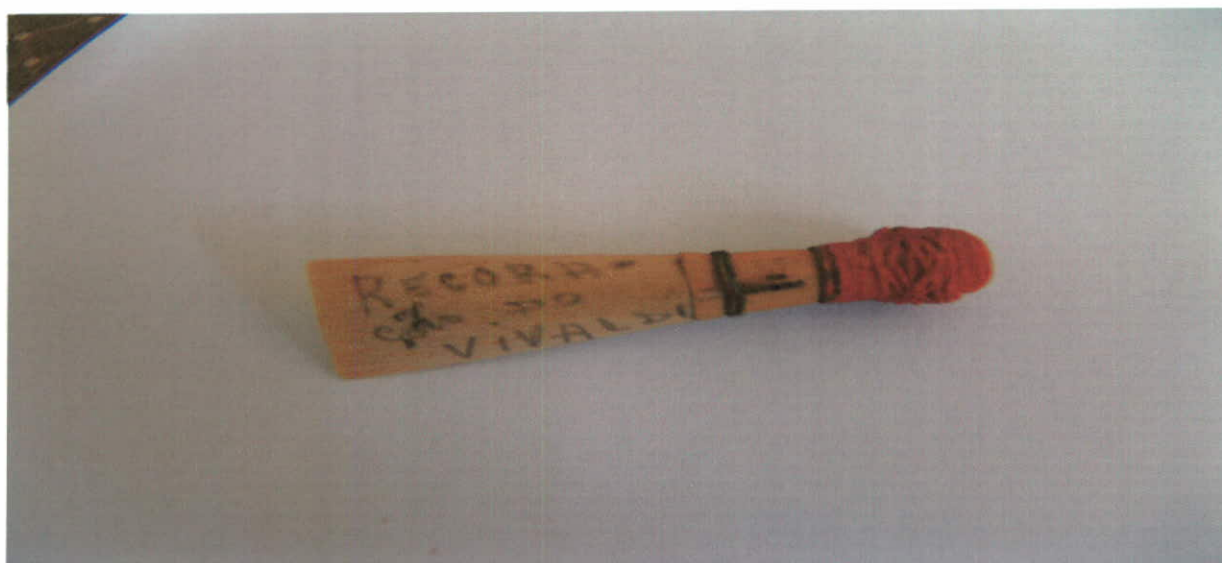


fig.18



fig.19

O aspecto admirável de várias palhetas. Tudo indica que seriam canas Glotin de França.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DE PALHETAS



fig.20

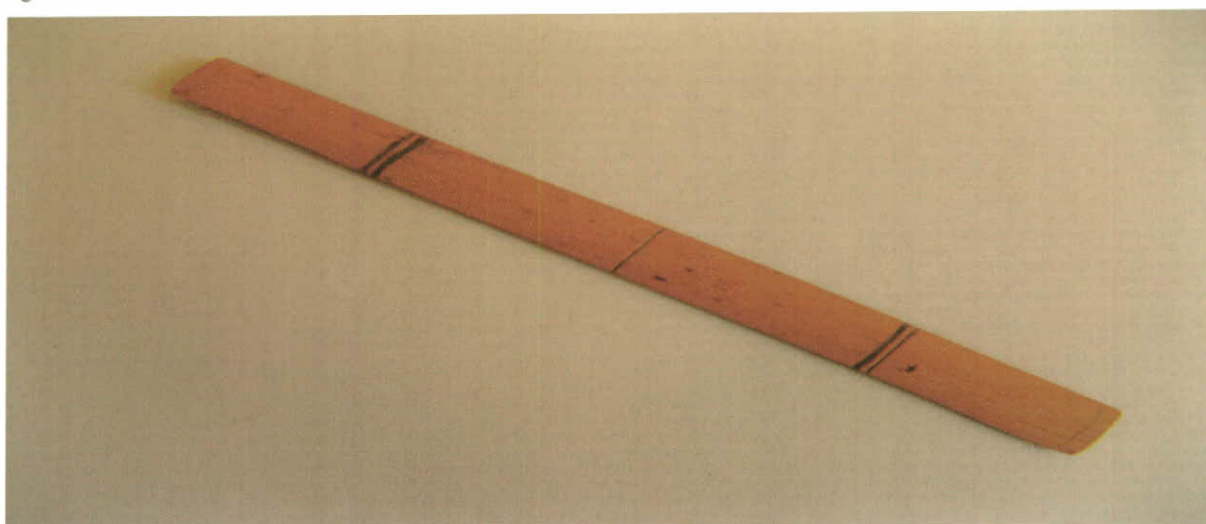


fig.21



fig.22

Formas de madeira. Funcionavam como molde, para se conseguir uniformidade métrica entre as palhetas.

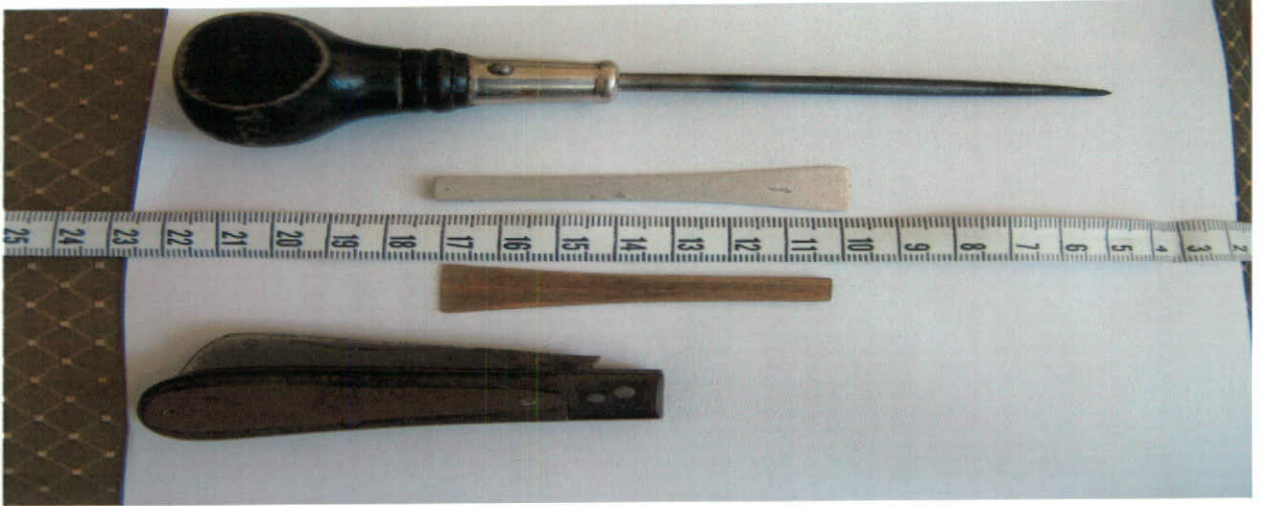


fig.23



fig.24



fig.25

Material de trabalho: limas, facas, lixa, fio, formas, mandril, fita métrica entre outras ferramentas.

DOIS FAGOTISTAS DO SEC. XX (Armindo Calado Alves e Guilherme Marau)

ARMINDO CALADO ALVES

Armindo Calado Alves, tocou fagote e contra fagote na banda entre 1947 e 1982.

Tive o privilégio de entrevistá-lo em sua casa, onde muito gentilmente me recebeu. Concorreu para a Banda da Guarda Nacional Republicana em Requinta, (clarinete em mib), situação que acontecia frequentemente, já que o fagote era dos instrumentos considerados mais raros, só eram encontrados nas orquestras e em algumas bandas. Armindo Alves só depois passou para fagote. Aprendeu a tocar com João Gonçalves Mateus, tendo sido colegas nesta mesma banda.

Achei curioso o facto do Sr. Armindo ter conhecido na sua juventude um senhor que já na altura teria os seus oitenta e muitos anos, e apesar de não se lembrar do nome, sabe que tocou contra-fagote na banda, na altura do maestro Joaquim Fernandes Fão.

Na sua passagem pela banda foram seus colegas fagotistas, João Gonçalves Mateus, José Maria Bernardo (infelizmente falecido recentemente), José Pereira de Sousa, Jacinto Maria, e Guilherme Marau.

Os seus antecessores até onde se lembra foram: Mário Barroso, que foi ao Brasil na primeira deslocação da banda e Ângelo Pestana, irmão do distinto professor e trompista Adácio Pestana.

Ângelo Pestana saiu da banda, e foi para a Orquestra da Emissora, indo depois para o Brasil, onde viveu muitos anos, sendo fagotista na Orquestra do Rio de Janeiro.



fig.26

Da esquerda para a direita: -Armindo calado Alves – contra fagote; José Maria Bernardo – fagote; José Pereira de Sousa – fagote.

Palhetas.

Algumas curiosidades.

Um das questões que sem dúvida preocupava (e continua a preocupar) os fagotistas de todas as épocas são as palhetas. Armindo Calado Alves conta...“ *Em 1947 a seguir á II grande guerra, eram tempos muito difíceis, muito duros, não havia dinheiro para canas de fagote.*

Além de não haver dinheiro, as palhetas feitas não satisfaziam, naquela altura as canas vinham do Algarve, eram-nos trazidas por pessoas nossas conhecidas, mas claro está, sem secagem nem preparação alguma, cortava -as aos bocados, e colocava-as num local o mais seco possível, para que daí por uns meses estivessem prontas a ser trabalhadas havia uma goiva, raspava-mos o miolo das canas, até ficarem á medida depois tínhamos um molde, onde colocava -mos as canas, e através de raspagem com limas, fazia-mos chegar a largura da cana á medida desejada. Com a palheta feita, punha-se um pouco de “goma-laca” uma espécie de partículas que se colocavam em álcool para fazer uma mistura que dava uma espécie de verniz. A Goma laca servia para fixar o fio, que se encontra em volta da parte traseira da palheta. O verniz que hoje tem esta função, só começou a ser usado por ter tido contacto com as palhetas de um fagotista suiço, professor do conservatório, chamado Pierre Salzman que comprava as palhetas já feitas e nas quais era aplicado verniz...”

Na altura segundo me contou o Sr. Armindo, o sistema Alemão era ainda praticamente desconhecido no nosso País, começou a ser utilizado pelo professor Otílio que foi professor do conservatório e músico da orquestra Gulbenkian. O professor Otílio estudou fagote na Alemanha de onde trouxe dois fagotes sistema Alemão. Um desses fagotes foi para José Maria Bernardo, facto que considero importante porque José Maria Bernardo era músico da banda, o que significa que provavelmente o início da transição do sistema francês para o sistema alemão aconteceu através dele.

Armindo Calado Alves não chegou a mudar para o sistema alemão, hoje com 77 anos continua a preferir o sistema francês.

Desenho da Forma de madeira

Era numa forma com este aspecto que eram colocadas as canas do rio, sendo em seguida raspadas com uma goiva. (objecto de metal afiado). As duas linhas redondas sugerem claramente o desenho duma cana cortada ao meio, que encaixava perfeitamente naquele espaço.

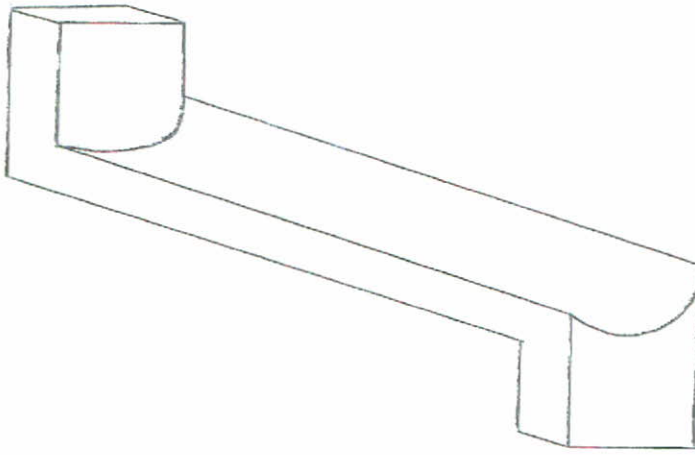


fig.27

O dia a dia

O dia a dia destes músicos militares, era longo e trabalhoso. Para além dos ensaios nas janelas verdes havia os concertos semanais, tocavam nos serviços marciais que apareciam com muita regularidade, alguns davam aulas, e muitos tocavam em orquestras da parte da tarde. Numa época em que a quantidade de músicos não era suficiente para o trabalho que existia, muitos eram aqueles que tocavam de manhã á tarde e á noite. Os músicos da banda constituíam na altura uma grande fatia dos principais agrupamentos, principalmente aqueles grupos ou orquestras que se formavam para um concerto ou espectáculo pontual. Neste dia a dia, viveu o Sr. Armindo.

“ O nosso dia a dia era muito trabalhoso, tínhamos ensaios de manhã, e a banda apresentava-se semanalmente no Carmo, em concertos sempre com repertório diferente, tínhamos também guardas de honra, onde tocava fagote e marchava. As marchas tinham que estar de cor, os serviços marciais eram mais longos que hoje...”

No entanto com estas dificuldades e muitas outras, o prestígio e o nível musical da banda era imenso nesta época.

O Sr. Armindo foi um dos elementos que presenciou imensos sucessos, dos quais destaca a segunda deslocação da banda ao Brasil, em 1965, de entre muitas recordações, salta-lhe á memória os dois concertos seguidos que a banda fez em Santos. *“ O sucesso foi tal, que em Santos, tivemos que repetir todo o concerto, por ter ficado tanta gente de fora, tocamos o mesmo repertório duas vezes, e ninguém arredava pé...”*

Fotos de colegas da Banda



fig.28

José Pereira de Sousa e José Maria Bernardo, colegas de Armindo Alves, o sistema francês em evidência, na sala de ensaios das janelas verdes, no ano de 1963.



fig.29

José Maria Bernardo com José Pereira de Sousa integrados num octeto que realizava no momento um concerto para a RTP, sob a direcção do maestro Silva Dionísio, no ano de 1971.

Guilherme Marau

Guilherme Marau ingressou na banda da Guarda em 1963, concorrendo em clarinete. Mudou para fagote passado algum tempo, na altura em que Armindo Calado Alves passou para contra-fagote. Os fagotistas na altura eram: José Pereira de Sousa, José Maria Bernardo, Jacinto Maria. Foi orientado por José Pereira de Sousa e por José Maria Bernardo. Segundo Guilherme Marau: *”Naquela Época havia um grande incentivo por parte do Major Silva Dionísio para que o maior número de músicos da guarda fossem estudar para o conservatório. Entrei então para o conservatório, que tinha como professor o oboísta Santos Pinto, professor de fagote e oboé. Não era invulgar na época um professor ensinar dois instrumentos, ainda que hoje pareça estranho e quase inaceitável.”*

Guilherme Marau executou oito anos fagote Francês, mas foi com o professor Otilio, alguns anos mais tarde que se deixou “seduzir” pelo som encantador do fagote Heckel sistema alemão. Era agora Otilio o professor do conservatório, tinha vindo de estudar da Alemanha, e era um homem por quem Guilherme Marau tinha a maior estima: *“ O professor Otilio foi sem dúvida um excelente professor, tinha prazer em ensinar, era um homem novo na altura, cheio de vontade de fazer passar as suas ideias. Aprendi imenso com ele, homem de grande disponibilidade, que nem nos fins-de-semana se privava de ensinar. Veio trazer uma grande ajuda a muitos fagotistas a todos os níveis, mas em especial na construção de palhetas.*

Nunca escondeu nada. A ele se deve inequivocamente, o aparecimento do gosto pelo instrumento, e por continuidade o nascer de vários fagotistas mais capazes e preparados, que iam formando as orquestras e as bandas militares.”

Guilherme Marau refere ainda uma habilidade invulgar para criar novas soluções: *“Era extremamente engenhoso. O Prof. tinha no seu Heckel, algo muito curioso criado por ele próprio. O fagote tinha como que os dois sistemas (Francês e Alemão). Como preferia a facilidade nas notas agudas do fagote francês e como era tanto habilidoso como curioso, adoptou certas mudanças através de chaves e novos orifícios, que permitiam um excelente desempenho em todos os registos. Era um instrumento com muitas chaves...”*

Em 1971, Guilherme Marau tinha uma situação económica mais estável, entusiasmado pela diferença entre os dois sistemas, resolveu comprar um fagote sistema alemão de marca Puchner. Foi este fagote alemão, que mais tarde foi adquirido pela banda, permitindo que outros fagotistas começassem a ter contacto com o sistema alemão assim que iniciassem o estudo do instrumento.

Guilherme Marau já viveu numa época diferente de Armindo Calado Alves, as canas vinham do estrangeiro ou eram oferecidas pelo professor Otilio. Mais tarde a banda começou a adquiri-las nas lojas de Música.

Além de músico da banda, concorreu e entrou por concurso, para a Orquestra Filarmónica de Lisboa. Era uma orquestra de alunos e professores em que só os alunos tinham concurso obrigatório. Os concertos eram patrocinados pela Câmara de Lisboa, até a orquestra ser oficializada, o que aconteceu em 1971.

Havia também a orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, e ainda uma Orquestra que juntava músicos experientes, da sinfónica da emissora e outros músicos de corda e sopros, para fazer óperas no Teatro da Trindade nos meses de verão. Guilherme Marau também fez parte desta orquestra e a partir de 1968, começou a fazer óperas, substituindo José Pereira de Sousa. A Orquestra Filarmónica de Lisboa começa a fazer concertos regulares no São Luís, e mais tarde fica a pertencer ao Teatro Nacional de São Carlos, dando origem à Orquestra do Teatro Nacional de São Carlos.

A par destas actividades Guilherme Marau contribui também para os sucessos das digressões da banda. Holanda em 1963, Brasil 1965, Madeira 1967 e Bélgica 1980.

Hoje reformado, atribui à Banda da Guarda Nacional Republicana, muito do que foi e do que é como músico e como homem.



fig.30

Guilherme Marau num concerto, provavelmente contando compassos de espera.



Fig. 31 e 32

Em cima: Guilherme Marau com alguns colegas, num momento de descontração. Bélgica 1980

Em baixo: A banda formada executando uma marcha militar, numa situação caricata. Uma senhora dirigindo a banda sob o sorriso descontraído do Capitão Alves Amorim..



taria de Estado da Informação e Turismo, Câmara Municipal de Lisboa, Curso de Férias da Costa do Sol (Junta de Turismo), Mocidade Portuguesa, Orfeão Académico de Coimbra, Associação Académica do Instituto Superior Técnico, Associação dos Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, Tuna Académica de Coimbra, «Pró-Arte», Círculo de Cultura Musical, Juventude Musical Portuguesa, etc., além do que tem efectuado gravações para a Emissora Nacional, R. T. P. e Rádio Clube Português.

São de registar, entre outras iniciativas da Orquestra Filarmónica, os «Concertos Populares» no Capitólio e no Coliseu, os «Domingos Sinfónicos» no Teatro de S. Carlos e a acção descentralizadora que exerceu com os concertos dados na província.

Em 15 de Maio de 1971 foi contratada pela Câmara Municipal de Lisboa coincidindo a sua primeira apresentação pública como orquestra municipal com a reabertura do Teatro Municipal de São Luiz.

fig.33

Orquestra Filarmónica de Lisboa, onde actuavam alguns músicos das bandas militares, entre eles podemos com atenção ver Guilherme Marau.

1114 LISBOA

Morreu 68 um Filarmónico

Isto de filarmónicos é um género de gente que ao longo de mais de 150 anos tem enchido o nosso país de música. Começam nas escolas das colectividades ou das bandas, aprendem com professores, ou simplesmente com os mais velhos, desenvolvem conhecimentos e tornam-se músicos amadores e ficam pela vida fora a gostar de ouvir música. São em Portugal mais de 18.000 em actividade e muitos mais milhares de conhecedores que por uma razão ou outra deixaram de tocar.

Alguns, talvez os mais propensos para a arte dos sons, tornam-se profissionais, tendo muitos deles atingido elevada craveira entre os músicos portugueses.

Estas considerações vêm a propósito do falecimento de um filarmónico. José Miranda Rodrigues nasceu em 27.04.56 e era natural de Lisboa. Saído da escola primária ingressou como aprendiz de uma profissão operária. Sócio da Academia Almadense desde os 11 anos de idade, foi admitido como músico executante da banda da mesma colectividade em 1980 como sax-tenor. Ensaios, concertos e naturalmente a sua actividade profissional.

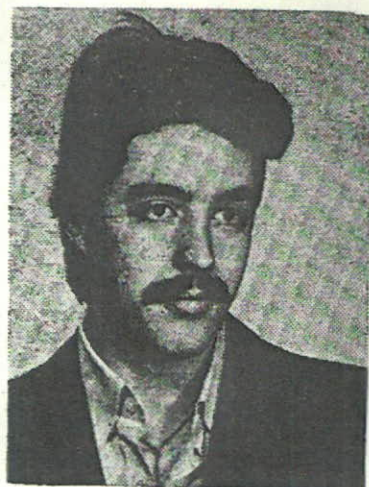
Operários e trabalhadores agrícolas são os estratos profissionais

que davam e ainda vão dando mais filarmónicos ao país.

José Miranda Rodrigues tornou-se mais tarde um profissional da música. Graças à sua natural habilidade e ao facto de haver estas escolas populares e gratuitas que são as colectividades, ele mudou o rumo da sua vida e entrou para a banda da G.N.R., inegavelmente a banda profissional de mais prestígio cuja fama ultrapassou há muito as nossas fronteiras e é ouvida no estrangeiro com o prazer e respeito devido aos grandes conjuntos filarmónicos mundiais.

Seis anos músico da banda da Academia Almadense, quatro anos músico da banda da G.N.R., ele era um jovem profundamente estudioso do seu instrumento actual, o fagote, e teria talvez a aspiração de vãos maiores. Para tanto tinha talento e qualidades de trabalho.

Tinha 30 anos e a morte ceifou-o. E tudo ficou mais pobre. A Academia, a Banda da GNR, a música. Homenageando aquele que foi nosso companheiro na Academia Almadense, Corpos Gerentes da colectividade, músicos da banda, atletas e sócios, assim como representações das bandas da GNR, da Marinha e da PSP, passaram pelo ginodessportivo Comandante José Brás



José Miranda Rodrigues

onde esteve depositado o corpo do nosso infortunado companheiro e depois, no dia 18, acompanharam o funeral para o cemitério do Feijó.

Mas nas escolas de música das colectividades de todo o país uns milhares de jovens aprendem música e entre eles há-de haver outros que, como o Miranda, têm talento e qualidades de trabalho e no futuro irão ser profissionais como ele foi.

Esta a certeza que leva uns milhares de cidadãos a dedicarem as suas horas de ócio à direcção das colectividades populares de cultura e recreio. Esta a realidade que continua a justificar a existência destas «universidades» onde os conservatórios do povo, que são as nossas escolas de música, continuam gratuitamente a ensinar e a formar novas gerações de filarmónicos, a fobre de profissionais que vão renovar as nossas orquestras e as bandas militares e militarizadas.

Alberto Pereira Ramos

fig.34

José Miranda Rodrigues foi também fagotista desta banda. A morte chegou cedo, foi um colega excepcional e um fagotista estudioso e promissor, apaixonado pela arte que praticava. Fica a merecida lembrança.

Os fagotistas de hoje

Hoje a banda continua a ter um quadro de 4 fagotes e 1 contra fagote, constituído pelos fagotistas: Rogério Pereira, José Balsinha, Nuno Batista e João Brito e pelo contra fagotista Maurício Silva. Ao nível de instrumentos a banda foi há poucos anos enriquecida com novos instrumentos, resultando para o naipe numa aquisição valiosa de instrumentos que nada têm a ver com os que havia há algumas dezenas de anos. Como se pode ver são instrumentos modernos, sistema Alemão.



fig.35

Da esquerda para a direita:

Fagotes:

Rogério Pereira

José Eduardo Balsinha

João Brito

Nuno Batista

Contra fagote:

Maurício Silva

CONCLUSÃO

Gostaria de concluir deixando algumas considerações sobre o que significou para mim a realização deste trabalho, interrogando-me da importância que o mesmo terá para outras pessoas, quer sejam fagotistas, executantes de outro instrumento, ou leigos. Deixo também um pouco do que acredito ser o presente e o futuro desta banda, e acabo com os agradecimentos a quem permitiu ser possível realizar este trabalho.

Foi de facto com muita satisfação, que percorri aqueles álbuns com centenas de fotos e recortes de jornais, a grande maioria com muitas dezenas de anos, fotos que só pela sua antiguidade constituem uma lição de história. Documentos preciosos que de alguma forma me comoveram e criaram em mim um sentimento, um misto de orgulho e responsabilidade, por constatar que num futuro próximo seremos nós a fazer a história, ou se quisermos, ela está a ser feita a cada dia, a cada hora. Dá que pensar.

Por vezes detinha-me longamente, naqueles álbuns meio misteriosos, reparando em detalhes até ao mais ínfimo pormenor, frequentemente só por prazer, admiração ou até espanto, por nunca ter tido conhecimento e quiçá interesse, em saber dos feitos quase heróicos, dum agrupamento tão antigo e do qual faço parte.

Foi também muito agradável e recompensador conhecer colegas fagotistas, já aposentados, que comigo dialogaram sobre temas muito interessantes, e foi ainda um prazer enorme, saber mais de quem nada ou quase nada se sabia, João Gonçalves Mateus.

Olho hoje para esta banda de uma outra forma, claramente com mais respeito, agora conheço mais, conheço melhor uma banda que pertence a uma instituição respeitável, que jamais deixou acabar aquilo que considera o seu “cartão de visita”.

Tenho outra ideia sobre a evolução dos elementos da banda desde a sua origem até aos dias de hoje. Acredito também que se compreende melhor a dificuldade que terá sido para os fagotistas da época, a transição do sistema francês para o sistema alemão.

Este trabalho traz na minha opinião, algo de novo e útil, em última análise para quem o realizou. Creio sinceramente que dado as prioridades e interesses duma sociedade consumista como a nossa, onde a cultura tem um espaço muito reduzido, não será pouco, desejar que de alguma forma, este trabalho sirva para esclarecer e informar pessoas (músicos ou não), que pouco ou nada sabem sobre esta imponente banda militar, e que seja útil para fagotistas de gerações mais novas, para de alguma forma

terem algum ponto de partida, terem uma ideia de como se foi chegando aos dias de hoje, ajudá-los a ter conhecimento de pessoas, que executaram brilhantemente o instrumento que eles hoje executam, com a única diferença que simplesmente fizeram-no umas décadas atrás e com muito mais dificuldades “*externas*”. Durante décadas a Banda da Guarda Nacional Republicana gozou de um estatuto admirável como agrupamento musical, quer a nível nacional quer no estrangeiro. Foram épocas bem diferentes, onde inequivocamente se olhava a música de uma outra forma, e onde a quase inexistência de orquestras sinfónicas fazia sobressair ainda mais o esplendor deste enorme agrupamento musical. Na minha opinião a Guarda Nacional Republicana continua hoje a ter uma banda admirável, quer pelo seu timbre invulgar, quer pelo seu vasto repertório. Alguns dos seus elementos, à semelhança de antigamente, continuam a figurar entre os melhores do país, a tocar em orquestras e a dar aulas em prestigiadas escolas e conservatórios, ou seja, a história continua a fazer-se. Os concertos continuam a realizar-se, mas há algo diferente. Não entrarei em pormenores, mas queria destacar que na minha opinião a diferença reside pura e simplesmente da pouca cultura de um povo, dum povo que não lê, dum povo que não se interessa. De uma coisa não tenho dúvidas, além de honrar todos os seus compromissos militares de protocolo de Estado, a Banda da Guarda Nacional Republicana do presente e do futuro, nem que seja só pelo que foi no seu passado, deve continuar a ter possibilidade de fazer Arte. Tem obrigação de a fazer.

*“A arte é força imanente,
Não se ensina, não se aprende,
Não se compra, não se vende,
Nasce e morre com a gente”*

António Aleixo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar uma palavra especial de agradecimento ao Professor Doutor João Soeiro, pela disponibilidade e ajuda prestadas, ao Tenente Coronel Jacinto Montezo, actual chefe da Banda da GNR, por permitir prontamente a consulta dos documentos necessários, ao Doutor João Mateus, pelo seu grande entusiasmo e abertura, aquando da consulta quer das fotos quer de todo o material do seu pai, João Gonçalves Mateus.

Agradecimentos também ao Capitão Matos Simões anterior chefe adjunto desta banda, pela amabilidade e disponibilidade em ceder informação.

Uma palavra de gratidão também ao Sr. Armindo Calado Alves, pela simpatia e paciência para contar histórias e ao Sr. Guilherme Marau da mesma forma, pela pronta disponibilidade de me informar de acontecimentos do passado, contribuindo também com fotos da sua época na banda.

Fim

BIBLIOGRAFIA

FREITAS, Pedro

História da Música Popular em Portugal.

Ed. De Autor, Barreiro, 1946.

LAPA, Albino

“Subsídios para a História das Bandas Militares Portuguesas”.

Alma Nacional, Lisboa, 1941.

NERY, Rui Vieira,

CASTRO, Paulo Ferreira

História da Música (Sínteses da Cultura Portuguesa).

Imprensa Nacional- Casa da Moeda

Portugal, 1991

POLK, Keit; et al.

2006 «Band ». In Grove Music Online. S.1: Oxford University Press.

<http://www.grovemusic.com>. Acedido em 5 de Abril de 2006.

